

**“TRIBUTO A MORENO, AQUELE QUE SOBREVIVEU...”.
RESGATANDO UM MORENO CIENTÍFICO**

Laurice Levy*

Monografia apresentada para obtenção do título de Professora-Supervisora
Instituições: Delphos Espaço Psico-Social/Rio de Janeiro e FEBRAP
(Federação Brasileira de Psicodrama)
Orientadora: Silvia Petrilli
Fevereiro de 2003

* Psicóloga, Psicanalista, Mestre em psicologia Clínica, Terapeuta de Família e Casal, Psicodramatista pela FEBRAP, Professora-Supervisora de Terapia de Família.

*“... seremos capazes de penetrar
no universo social com toda tranqüilidade...
e poderemos nos comunicar com pessoas não
presentes materialmente e cumprimos assim
os efeitos de uma percepção extrasensorial
sem função extrasensorial”*

Moreno

AGRADECIMENTOS

Agradeço à querida amiga-irmã, conhecida e descoberta via Internet, minha orientadora Silvia Petrilli, sempre presente, ponderada, precisa e carinhosa em seus comentários.

A-Mingão, o *grande* Domingos Junqueira de Brito, pela paciência, carinho e disponibilidade para ler e discutir ponto a ponto a minha produção “pós-moderna”. Em nossas discussões Mingão conseguia me provocar, me estimular, me corrigir e me ensinar ao mesmo tempo que teve a grandeza e humildade de aceitar “meus” *novos paradigmas*, reconhecendo quando estava errado, me dando razão. Esta troca frutífera foi realizada via internet.

A José Fonseca, por sempre ter acreditado em mim, me incentivado a produzir cada vez mais e melhor.

À Jorgelina, doce Jó, que foi minha interlocutora toda vez que eu necessitava de um colo amigo.

A meus filhos, Philipe e Daniel, por sempre estarem próximos me dando a alegria de uma convivência harmônica e amorosa.

A minha “casa” Delphos: às diretoras, funcionárias, associados e amigos.

E por último, e muito importante, à pessoa responsável (ou co-responsável...) por todas as minhas produções científicas: meu amado marido Marcelo.

INDICE

1. INTRODUÇÃO

2. AVANÇOS E MUDANÇAS NO PENSAMENTO CIENTÍFICO

2.1 Do Pensamento Científico Clássico...

2.1.1 - Resumo do Paradigma Cartesiano-Newtoniano

2.2 ... Ao Pensamento Científico Pós-Moderno

2.2.1 Sistemas, Cibernéticas, Construtivismo e Construcionismo Social

2.2.2 - Resumo do “novo” Paradigma Científico

3. MORENO PROFÉTICO

3.1- Contribuições Morenianas para as Psicoterapias, o homem e o mundo

3.1.1 Moreno, as Minorias e a Loucura

3.1.2 Moreno e a Terapia de Casal

3.1.3 Moreno e a Terapia de Família

3.1.4 Moreno e a Psicoterapia de Grupo

3.1.5 Moreno, a Internet e o Homem do Futuro

3.1.6 Moreno e o Suicídio

4. CONSEQÜÊNCIAS E CONVERGÊNCIAS

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

6. BIBLIOGRAFIA

I. INTRODUÇÃO

*“Não basta ensinar ao homem uma especialidade,
porque se tornará assim uma máquina
utilizável e não uma personalidade.
É necessário que adquira um sentimento,
um senso prático daquilo que vale a pena ser empreendido,
daquilo que é belo, do que é moralmente correto”*
Albert Einstein

Costumamos ouvir muito freqüentemente que Moreno esteve à frente de seu tempo. Fala-se muito de que ele sempre valorizou a possibilidade de criar e originar novas respostas, novas soluções. Em termos mais modernos, novos paradigmas como conceituou Kuhn (2000). De certa forma, ao dizer isso, ele se referia a uma recusa ao determinismo científico, ao reducionismo, falava da impossibilidade de existirem verdades únicas e das vantagens da flexibilidade dos indivíduos, sistemas e situações. Buscava o caminho da construção, do otimismo e da crença no ser humano como um Deus poderoso e criativo.

Sei que o que abordarei nesta monografia é amplamente conhecido e reconhecido por muitos psicodramatistas (Castelo de Almeida, 1988, 1994a e 1994b, Costa, 1996, Población, 1992, Seixas, 1992, Tozoni Reis, 1992, Valongo, 1996, Landini, 1998, Fonseca, 2000,) entre outros. O que não sei, na verdade, é se o próprio Moreno tinha conhecimento e consciência do quanto ele se aproximava da mudança que estava ocorrendo na ciência com a revolução paradigmática que será detalhada no item 2.2 deste trabalho. É verdade que Moreno conheceu Einstein em 1911.

Evidentemente, conhecendo Moreno como o conhecemos hoje, fica fácil entender que o que mais fascinou o pai do psicodrama não foi apenas o brilhantismo científico de Einstein, mas sim *“sua visão ampla do Cosmos”* (Cuschnir, 1997. p.77). Einstein não se resumia a um *mero* cientista que separava ciência de religião *“Ele não era somente um físico, mas também um teólogo”* (idem, p.77).

É provável que Moreno tenha se identificado com Einstein. Afinal Moreno tinha apenas 21 anos e o pai da Teoria da Relatividade 32 anos e já era muito conhecido na comunidade científica. Ouçamos Moreno:

“Ao penetrar no Cosmos com sua mera intuição, ele foi capaz de fazer enormes descobertas que nenhum homem antes dele tinha sequer tocado de leve. Nunca esqueci meu breve encontro com ele, nem as declarações que fez à nossa classe” (Cuschnir, 1997, p. 77)

Noventa e um anos depois, em 2002, podemos afirmar que as idéias de Moreno (principalmente no Brasil)¹ e de Einstein (internacionalmente) estão ganhando cada vez mais força, confirmação e reconhecimento, principalmente com o advento da revolução tecnológica trazida pela cibernética, Internet, máquinas e tecnologias que serão explicitadas adiante.

Apesar de toda a perplexidade que as descobertas provocaram no próprio Einstein, que chegou a duvidar de seus achados, os cientistas que o seguiram foram confirmando cada vez mais a revolução científica que iria jogar por terra crenças, leis e normas até então aceitas como sagradas no mundo científico e que, por isso mesmo, influenciavam a medicina, a biologia, a sociologia, a política, a ecologia e naturalmente as psicoterapias.

Moreno, na verdade, foi um dos poucos, como o filósofo Hume no século XVIII, e alguns outros a não se curvar frente aos ditames científicos de sua época. Permitiu-se uma liberdade de pensamento, uma independência de ação que desafiava o *status quo* vigente. Em seu clássico “*Quem Sobreviverá ?*” de 1934 Moreno diz:

“A total falta de compreensão de minha posição original, a qual nunca abandonei e o pouco caso de muitos religiosos bem como dos círculos científicos não me impediam de continuar a desenvolver inovações técnicas que, esperava eu, fossem gradualmente estabelecer um mundo novo. (Moreno, 1992, p.23) (grifos meus).

O próprio Freud, que revolucionou o mundo com a descoberta do inconsciente, descentralizando o homem de si mesmo, dizendo ser uma simples visita em sua própria casa, rapidamente tentou “cientificizar” a sua psicanálise, encaixando sua descoberta dentro do que era requerido pelos sérios cientistas que imperavam no mundo naquela época. A psicanálise seria aceita caso se provasse ser uma ciência que seguia as normas “ditas” científicas.

Lutou com unhas e dentes para conseguir um modelo mecânico para suas descobertas. Os artigos metapsicológicos (Freud, 1914-1916) nada mais são do que um modelo hidráulico onde o importante era compreender os pontos de vista *topográfico, dinâmico e econômico*. Recomendou a seus discípulos em seus “*Artigos sobre técnica*” (Freud, 1911-1915) a manterem uma neutralidade e uma assepsia digna dos grandes cientistas ou dos cirurgiões em salas impecavelmente limpas. Estes últimos separavam o objeto do observador. Quanto mais isento melhor. Daí Freud sugerir para que o analista se desfizesse de sua contra-transferência, para poder dominar a situação. No melhor sentido da palavra, já que era mister um cientista se comportar dessa maneira.

Freud, como homem, diga-se de passagem, era absolutamente próximo de muitos de seus pacientes. Analisou inclusive a própria filha Ana. Mas esta é uma outra história que não cabe relatar aqui. Além disso, sabemos da frustração de Freud com o seu “*Projeto para uma Psicologia científica*” escrito em 1892, que ele não teve coragem de levar a público e que só foi publicado em 1950, resgatado por Marie Bonaparte. Neste denso e complicado trabalho, Freud tenta esta cientificidade, sem sucesso (em sua própria opinião). Morre

¹ Ver adiante em **Conseqüências e Convergências**.

jurando que a ciência (como pensada então) ainda lhe daria razão encontrando a sede do ego, id e superego!!! Quem sabe ainda consiga ? Num outro tempo? Num futuro remoto ? Pois como veremos a seguir, a ciência também sofre modificações que nem sempre são irreversíveis.

Como relatarei abaixo, *aparentemente* existem algumas verdades absolutas, como por exemplo: que a terra é redonda, as estrelas são estáticas, a velocidade da luz é uma constante, a terra gira em torno do sol e, pessoalmente, acredito que a existência do inconsciente seja um fato. Só resta saber até quando...

Isto porque é fácil constatar que a evolução do conhecimento humano se faz pela contínua revisão de suas hipóteses, práticas e conseqüências, o que acarreta reviravoltas no saber científico.

Por isso, o que desejo fazer neste trabalho é pontuar até que ponto Moreno não só foi moderno (no melhor sentido da palavra), mas também foi pós-moderno com o que estamos assistindo em termos de revolução cibernética, tecnológica e humana.

Gostaria de demonstrar que para a física quântica (ou para os conceitos científicos atuais) Moreno estava coberto de razão ao pleitear uma mudança de mirada do homem, do mundo e das relações. Um sábio retorno à metáfora do sistema vivo, que será detalhada adiante.

2. AVANÇOS E MUDANÇAS NO PENSAMENTO CIENTIFICO

2.1 Do Pensamento Científico Clássico...

Para começar contando a história das ciências (a evolução e/ou involução do pensamento científico) será preciso primeiro confessar que acredito piamente na genial frase de Nietzsche, quando fala *do eterno retorno... do mesmo*.

Sim, porque veremos que nas idas e vindas dos homens e das ciências, percebemos que a história executa um movimento pendular bem *à moda* da moda. Parece um absurdo afirmar que o que é valorizado e exaltado hoje poderá ser execrado, cremado e crucificado amanhã para... em algum momento... em outro lugar... voltar a ser valorizado e até idolatrado.

Alguns dirão certamente: mas que grande bobagem!!! Não estamos aqui falando de ídolos de rock ou estrelas de cinema!!! Estamos falando de Ciência com letra maiúscula. Pois bem, caros leitores, é disto que estou falando! Não só de ciência, mas sim dos mais renomados cientistas, pensadores, pesquisadores, filósofos e terapeutas passando de Newton a Einstein, de Copérnico, Galileu e Descartes a Freud e Moreno entre muitos outros.

A antiqüíssima noção monoteísta foi transformada em verdade absoluta pela Igreja católica medieval em benefício próprio. Assim, em nome do amor de Deus, da Igreja, das crenças e dogmas irrefutáveis matava-se com a maior tranqüilidade e assistia-se a massacres

inenarráveis: como a Inquisição e outros absurdos históricos que maculam e envergonham a história do homem para sempre. Cientistas sérios foram mortos na fogueira, banidos e internados como loucos por dizerem algo diferente daquilo que se esperava na ocasião.

Uma destas verdades foi trazida por Nicolau Copérnico que descentralizou a terra, dizendo não ser ela o Centro do universo (como queria a Igreja), mas sim *apenas mais um planeta* a circundar o sol. Assim, o homem foi obrigado a rever a sua posição orgulhosa e onipotente. Foi sem dúvida uma ferida narcísica no homem ocidental, europeu, diga-se de passagem.

Galileu, na Itália, por sua vez, chegou também à conclusão que a terra girava em torno do sol, confirmando assim os experimentos de Copérnico (Brecht, 1977). Mas para salvar-se, poder continuar pesquisando e se tornar o pai da ciência moderna, negou o que sabia. Foi só em seu leito de morte que ele repetia sem parar: *eppur si muove* (e, no entanto se move) (Brecht, 1977). De qualquer forma, Galileu conseguiu, antes de mais ninguém, “*combinar a experiência científica com uma linguagem matemática*” (Capra, 1982). Herdamos daí que para podermos descrever de forma matemática a natureza, precisaríamos nos ater “*ao estudo das propriedades mais importantes dos corpos materiais tais como a forma, a quantidade e o movimento*” (Capra, 1982). Simplesmente porque isso, sim, podia ser medido e qualificado... e portanto era científico. Conseqüentemente, só mereceria a honra deste nome **Científico** se atendessem às exigências citadas acima.

Francis Bacon, na Inglaterra, descreveu o método empírico da ciência. Foi ele quem idealizou, antes de mais ninguém, uma teoria que demonstrasse claramente o método indutivo. Como conseqüência “*a ciência tinha por objetivos inerentes realizar experimentos e retirar deles as conclusões gerais que serviriam para todos os outros experimentos*” (Capra, 1982).

Como sempre, a partir de uma linha de pensamento, parece que o número de pensadores aumenta cada vez mais, indo na mesma direção filosófica e científica, proporcionando mais consistência e confiabilidade ao sistema pensante vigente. É, portanto, o caldo de cultura que legitima as teorias.

Assim, surge René Descartes com *seu cogito ergo sum* (penso, logo existo) que decreta a cisão entre o corpo e a mente. Herdamos dele a crença na certeza do conhecimento. Postula a máxima que nos acompanhou por tanto tempo: *Toda ciência é conhecimento certo e evidente*. Em seu método analítico, evidentemente ele privilegia a razão, postulando uma outra máxima, que nos *perseguiu*, a meu ver, durante muito tempo: “*Não há nada no conceito de corpo que pertença à mente e nada na idéia de mente que pertença ao corpo*” (Capra, 1989).

Ele também foi o pai da imagem arborescente ou arbórea do conhecimento que nos acompanha desde então. Este pensamento começou a se modificar nos anos sessenta, com Deleuze e Guattari e ganha uma força inacreditável em sua atualização a partir do advento da Internet. Mas voltando a Descartes e à sua postulação, é fundamental nos lembrarmos: “*Toda filosofia é como uma árvore. As raízes são a metafísica o tronco é a física e os ramos são todas as outras ciências*” (Capra, 1989). Foi ele quem estruturou o pensamento científico. Daí sua enorme importância. A natureza (incluindo o homem e os

animais) passou a ser concebida como uma **máquina perfeita**, regida por leis exatas, matemáticas, precisas e, portanto previsíveis.

Para Descartes, os animais eram um relógio feito de engrenagem, rodas e molas. O corpo humano não diferia em absoluto desta concepção mecanicista. Vejamos o que ele nos diz: “*Considero o corpo humano uma máquina. Um homem doente é um relógio mal fabricado e um homem saudável é um relógio bem feito*” (Capra, 1989).

Foi Isaac Newton quem postulou que o Universo é um **gigantesco sistema mecânico**, efetuando a síntese completa dos pensadores citados acima. Assim, este universo enquanto grande máquina funcionaria com leis matemáticas exatas, eternas, fixas e inquestionáveis. Consequentemente, o fator surpresa, a imprevisibilidade, a criatividade, as possibilidades de devir são absolutamente banidas nesta concepção. O que resta é um **rigoroso determinismo**. Tudo é causal e predeterminado. Logo, seria fácil e simples prevermos os acontecimentos com **absoluta certeza**.

Máxima de Newton: “*Não reconheço qualquer diferença entre máquinas feitas por artifices e os vários corpos que só a natureza é capaz de criar*” (Capra, 1989). A gravidez assistida, os bebês de proveta, ou a clonagem humana confirmam esta hipótese, para o bem e para o mal. A indústria dos seres humanos (tal qual o filme “ficcional” Inteligência Artificial (AI) de Steven Spielberg) se baseia nestas certezas e produz resultados “ótimos” se conseguirmos nos abster do psicológico, do afetivo, do emocional (Levy, 2001).

Podemos facilmente perceber as conseqüências de tal visão de mundo. Sendo o mundo e o homem um sistema mecânico, suscetível de ser descrito objetivamente, não há necessidade alguma de mencionar o papel do observador humano. Este se torna um mero acessório dentro da realidade percebida².

2.1.1 Resumo do Paradigma Cartesiano-Newtoniano

É uma visão de mundo (*Weltanschauung*) que privilegia:

- 1) Pensamento racionalista-cartesiano. A razão dominando o corpo, as sensações, as intuições, a emoção e espiritualidade e/ou transcendência;
- 2) Pensamento linear de causa e efeito. Todo fenômeno, evento ou acontecimento tem uma origem. Conhecendo esta fonte única desencadeadora do fenômeno somos capazes de dominar e controlar seu(s) efeito(s);
- 3) Reducionismo. Tudo é muito simples e fácil de ser apreendido e/ou resolvido, bastando aplicar as leis exatas, fixas e universais;
- 4) A metáfora do homem-máquina ou homem-relógio. Assim como se desmonta uma máquina, o homem também é passível de ser *desmontado* ou *desmembrado*.

² Infelizmente, aqui Moreno *escorregou* ao tentar dizer que a (o) tele era a percepção correta de um objeto. Estava neste sentido sendo absolutamente fiel ao paradigma cartesiano-newtoniano. Remeto os leitores a meu livro “*Integrando diferenças. Possíveis caminhos da vivência terapêutica*”. No capítulo 9, páginas 148 a 172, falo exaustivamente disso citando os autores psicodramatistas atuais mais importantes, como Perazzo, Fonseca, Aguiar, a falarem sobre o tema.

- Dai, a cisão do homem em corpo versus mente, onde o médico fica com o corpo e os “psis” ficam com a mente;
- 5) A verdade está na racionalidade. Aquilo que minha razão não explica, simplesmente não existe. Ou é falso ou é ilusório. Ao homem racional cabe entender e controlar tudo;
 - 6) A objetividade como critério essencial. Afirmando que existe o objeto em si, independentemente do observador, a este último cabe apenas anotar, observar e analisar os fatos como *eles são na realidade*;
 - 7) Distanciamento entre o objeto observado e o observador. Quanto mais neutro e asséptico é o observador melhor para as conclusões dos experimentos científicos (entendendo-se aí o relacionamento também com o homem, seja o seu corpo ou sua mente);
 - 8) Existe apenas uma **única** realidade. Independentemente do contexto ou de variáveis mecânicas, da natureza ou humanas, os resultados serão sempre os mesmos;
 - 9) Existem certezas absolutas e pré-determinadas. Como tudo foi provado e experimentado *a priori* em laboratório, pode-se prever todos os acontecimentos de antemão sem nenhum risco de ser surpreendido por acontecimentos inesperados.

2. 2 ... Ao Pensamento Científico Pós-Moderno

Garfield empurrando Odie (**que cai**)
de cima de uma mesa, exclama:
“*É bom saber que ainda se pode
confiar em alguma lei*”
Charge do Jornal do Brasil, 21 de abril 2002

Como já foi dito acima, o pensamento dominante até meados do século XX era o cartesiano-newtoniano. Este paradigma era tão arraigado e preciso que permitiu levar o homem à lua e contribuir para muitas evoluções científicas e tecnológicas que conhecemos no final dos anos 90 e início do século que ora se inicia. A clonagem de animais como a ovelhinha Dolly, o cachorrinho mecânico-robô, igualzinho ao real só que dá menos trabalho, a retirada de órgãos de alguém que morreu para benefício de um ser ainda vivo, são conseqüência desta alta tecnologia (*high-tech*) e modernidade. Se isso vai ser bom ou ruim... só o futuro dirá !!!

Entretanto, veremos que mesmo nas ciências, ditas exatas, aqueles que descobrem uma verdade diferente da concebida pelos pares, sofrem sem entender muito o que acontece, duvidam de seus pensamentos e não sabem o que fazer com isso. Foi o que ocorreu com Einstein... Mas vamos por partes.

Antes de mais nada, dois cientistas, Faraday e Maxwell – no século XIX - absolutamente desconhecidos pela grande maioria de leigos (eu só tinha visto o nome de Maxwell em um

cursinho pré-vestibular e duvido que as pessoas soubessem o porquê deste nome), foram os primeiros a ultrapassarem a física Newtoniana com “*a descoberta de que a luz é um campo eletromagnético (diferentemente do que se pensava) rapidamente alternante que viaja através do espaço em forma de ondas*” (Capra, 1989).

Einstein, em 1905 reconheceu este fato e complementou com uma descoberta inédita e surpreendente dizendo que os campos eletromagnéticos não poderiam ser explicados mecanicamente. Ele descobriu “*serem estes campos magnéticos entidades físicas independentes que podiam viajar através do espaço vazio*” (Capra, 1989).

Estes foram os primórdios da teoria da relatividade e da teoria quântica. “*As partículas de luz foram chamadas inicialmente de **quanta** por Einstein*” (Capra, 1989) hoje chamadas de fótons, e que bombardearam muitas crenças e valores “científicos” da visão cartesiana-newtoniana.

A teoria da relatividade foi um golpe mortal para todos. Obrigou os cientistas a reverem os conceitos fixos da física clássica e re-pensarem até mesmo as intocáveis noções de um espaço absoluto e de um tempo absoluto. Eles seriam relativos à velocidade da luz. “*As partículas do átomo que anteriormente se pensava serem duras, sólidas e imutáveis como bolas de bilhar, apareciam em seu aspecto dual. Dependendo de como a observamos ora aparecem como ondas ora como partículas*” (Capra, 1989).

As idéias evolucionistas de Darwin, por outro lado, são sobejamente conhecidas por todos para serem detalhadas aqui. Cabe apenas ressaltar que suas idéias vão *contra* a concepção mecanicista de Newton. Sua visão de mundo como um sistema de pequenas bolas de bilhar em movimento randômico era *simplicista* demais para explicar a evolução da vida. “*Os biólogos observam que o universo é um sistema vivo que evolui da desordem para a ordem, para estados de **complexidade** sempre crescente*” (Capra, 1989).

Edgar Morin (escritor criativo e fecundo, com várias obras publicadas) confirma dizendo: “*o pensamento complexo não recusa de modo algum a clareza, a ordem, o determinismo. Acha-os insuficientes, sabe que não se pode programar a descoberta, o conhecimento, nem a ação*” (Morin, 1990). Fala da complexidade que há no mais simples e recusa a visão reducionista do paradigma anterior.

É preciso definir paradigma nas palavras de seu mais conceituado autor. Thomas Kuhn ensina: “*é uma nova visão da realidade, uma mudança fundamental em nossos pensamentos, percepções e valores. É uma revolução no modo de ver, pensar e fazer coisas, um jeito diferente de tratar a ciência em pauta*” (Kuhn, 2000) e (Castello, 1994).

Ele sinaliza que é importante também entender que para ser um novo paradigma, de fato, estes princípios devem ser aceitos pelos pares. Ou seja, Moreno, talvez não tivesse o mérito (amplamente) reconhecido por não ter tido, na ocasião, suas idéias compartilhadas por uma comunidade científica que o legitimasse. Circunscreveu-se a um pequeno número de adeptos. Muitas de suas descobertas caíram no “domínio público”. Quantas terapias não utilizam o psicodrama, sem citar ou conhecer Moreno?

O físico Fritjof Capra (1988), amplamente citado aqui, aproxima a nova visão de mundo à concepção oriental dos antigos sábios chineses que trazem à tona a sabedoria, a intuição, a compreensão, o tato, o som, o gosto, o olfato, a visão, os sentimentos e as percepções, todos abolidos anteriormente. Este autor pontua que a acupuntura, o shiatzu, a yoga, o tai-chi, o I-Ching, a espiritualidade e outras práticas milenares teriam como objetivo a concepção de um homem total sem distinção de mente e corpo.

É fácil entender este retorno, uma vez que a filosofia ocidental com a sua cisão: “O médico fica com o corpo e o psicólogo fica com a mente” tem fracassado apontando para absurdos históricos com o desafio das doenças, sempre à frente dos homens. Georges Canguilhem (1967) fala da impossibilidade da ciência dar conta das novas enfermidades que acometem o homem sempre lhe denunciando sua própria finitude e impotência. E a psicossomática está aí com toda a força como prova de que é impossível tratar de um homem retalhado.

Coube aos físicos Werner Heisenberg e Niels Bohr (no início do século passado) dar consistência e confirmação à teoria de Einstein (que ele mesmo renegava). A grande contribuição de Heisenberg foi demonstrar as limitações dos conceitos clássicos. Ele nos relata seu sofrimento de ter que abandonar os alicerces firmes onde tinham se apoiado até então. Conta-nos que “*era como se a terra estivesse se abrindo debaixo de nossos pés*”. (Capra, 1989). Para falar da dor e dificuldade que é para os cientistas abandonarem suas crenças, Heisenberg faz uma comparação com um pintor abstrato dizendo que o artista, de um modo geral, se permite criar, e deseja ardentemente ser original, enquanto que o físico tentará permanecer aferrado fielmente à sua tradição teórica. É apenas coagido pelas evidências que ele se renderá a mudanças (Priorgine e Stingers, 1992).

Heisenberg criou uma forma matemática denominada o *princípio da incerteza*, para dar conta deste desconhecido que se tornava uma constante.

Niels Bohr, por seu lado, introduz o conceito de *complementaridade*, que vai ser entendido e utilizado pelos terapeutas sistêmicos e que Moreno já tinha descoberto sozinho com a idéia de papel e contra-papel. Esta noção passa a ser a forma usual de os físicos entenderem a natureza e as coisas.

Os teóricos que tiveram o grande mérito de colocar o observador como peça fundamental em qualquer experimento científico ou humano foram os biólogos Maturana, Varela³ e Von Foester. Eles foram os precursores da cibernética de segunda ordem (ou segundo grau) também chamada de segunda cibernética, que desenvolverei abaixo:

2.2.1 Sistemas, Cibernéticas, Construtivismo e Construcionismo Social

Para tornar mais clara a comparação que desejo fazer entre Moreno e o pensamento pós-moderno, talvez seja importante localizar agora o leitor, que não está habituado a este *novo*

³ O biólogo Francisco Varela faleceu em Paris no dia 28 de maio de 2001 após uma longa enfermidade. Trabalhou com Humberto Maturana e contribuiu com aportes teóricos que muito enriqueceram não só a Ciência, mas muitos terapeutas. A Varela nossa homenagem póstuma.

olhar psicoterápico, a alguns termos muito utilizados por alguns cientistas, físicos, biólogos, ecologistas, educadores e terapeutas familiares, principalmente, sobre o que sejam a teoria sistêmica, a cibernética de primeiro e de segundo grau ou segunda ordem, o construtivismo e o construcionismo social.

Ludwig Von Bertalanffy, um biólogo austríaco, apresentou pela primeira vez a sua Teoria Geral dos Sistemas, em 1937 em Chicago. *Naturalmente*, não foi bem aceita na ocasião. Foi somente após a guerra que começa a surgir uma mudança na Ciência que se decepciona com a especialização e busca a generalização. Um de seus objetivos é elaborar teorias passíveis de serem aplicadas em várias áreas do conhecimento para facilitar as trocas entre especialistas de diversas atividades.

A partir deste momento, os conceitos da Teoria Geral dos Sistemas começam a ser compreendidos e utilizados. **Sistema** em grego é *sýstema* e significa reunião ou grupo. Entre seus atributos mais importantes estão as idéias de globalidade ou totalidade, autorregulação e circularidade que são mais comumente utilizados pelos terapeutas pós-modernos. Em 1954, Bertalanffy se junta ao grupo de Palo Alto (Califórnia) e a aplicação destes conceitos começa a ser utilizada nos atendimentos familiares, por equipes multidisciplinares. Com este novo olhar, o objetivo das ciências passa a ser os sistemas que substituem a idéia de objeto, fechada e empobrecida, por uma visão mais ampla e abrangente.

Esta mútua influência entre campos do saber fica clara quando até mesmo o trabalho do Dr. Ilya Prigogine, prêmio Nobel de química, sobre sistemas afastados do equilíbrio e sua noção de ordem através de flutuações, foi sendo utilizado na compreensão das famílias pelos terapeutas sistêmicos.

Um outro pensador fundamental foi Norbert Wiener. Seus livros *“Cybernetics or control and communication in the animal and the machine”* (1961) e *“Cibernética e sociedade. O uso humano de seres humanos”* de 1950, publicado entre nós em 1978, introduziram-nos aos termos cibernética, retroalimentação (*feedback*), homeostase e circularidade entre outros, apontando para as leis de regulação e controle dos sistemas ou máquinas. Cibernética vem do grego (*kybernetiké*) e significa a “arte de pilotar”. Em 1948, entretanto, havia uma tendência mecanicista dos sistemas em que se acreditava na possibilidade de haver um conhecimento objetivo da realidade. Este momento foi denominado de **cibernética de primeiro grau ou primeira ordem**. Colocava, portanto, o observador **fora** do objeto observado. É o que se denomina de cibernética dos sistemas observados (Von Foester, 1982).

A partir dos anos 70, ocorre uma cisão entre os “cibernéticos” dividindo-se em: os *hard scientists* ou construtores de máquinas que ficam com a primeira cibernética e os dissidentes como Bateson, Von Foester, Maturana e Varela que desenvolveram uma nova cibernética para lidar com os sistemas, vivos, autocriadores e autopoieticos⁴. Estes são sistemas biológicos, autônomos (sociais e ecológicos) ou antropossociais.

⁴ Autopoiese é um termo cunhado por Maturana em 1963 e significa *o que se cria a si mesmo*. Ver *“Autopoiesis and Cognition”*. Reidel, 1980

Esta mudança de paradigmas veio acompanhar toda a revolução científica com “*A cibernética, a teoria geral dos sistemas, a teoria da comunicação e a biologia – que constituíram o campo do pensamento sistêmico não apenas aplicado aos sistemas mecânicos, mas também aos sistemas biológicos e culturais*” (Soar, 1997 citando Keeney, 1983).

Ou seja, a cibernética de segundo grau se refere a qualquer sistema vivo, incluindo a família, o grupo ou a sociedade.. Mantém as propriedades dos sistemas mecânicos citadas acima tais como: circularidade, feed-back, homeostase, complexidade, etc, mas afirma ser impossível haver neutralidade ou observação objetiva. Consequentemente inclui o observador (terapeuta, no que nos diz respeito) na descrição completa do sistema. Antony Williams psicodramatista estratégico, discípulo do grande terapeuta familiar Haley ensina: “*A cibernética de segunda ordem enfatiza a inclusão e participação do observador no sistema e propõe conceitos tais como a auto-referência, o processo recursivo e a construção da realidade*” (Williams, 1994, p. 51-52). Von Foester, chama esta cibernética de Cibernética da Cibernética.

Assim, no momento em que se concorda que existe uma mútua influencia entre a experiência e a teoria, entre o observador e seu objeto observado, a epistemologia (estudo das ciências do conhecimento) deixa de ser o simples estudo da **representação** do mundo para ser uma epistemologia da **construção** do mundo. Surge daí o **Construtivismo**, e posteriormente o **Construcionismo Social**.

Na realidade, estas correntes filosóficas e terapêuticas vem desconstruir a ditadura imposta pelo modernismo que pregava exageradamente o progresso, a objetividade e a racionalidade. A crise, a instabilidade, as mudanças, as novidades passam a ser os eixos que articulam este novo paradigma. O pensamento científico pós-moderno é sistêmico, circular e inter-relacional. Este último, sem dúvida é essencialmente moreniano.

O pensamento epistemológico de Bateson e Mc.Culloch também vai nesta direção. Senão vejamos:

*“Todo indivíduo, sociedade, família ou teoria tem uma epistemologia e quem diz que não, tem uma muito ruim, uma vez que parte do pressuposto de que sua visão de mundo é a **única** verdadeira. Nesse caso, **uma** determinada versão da realidade se transforma em **a** realidade porque não se reconhece a existência de processos biológicos, sociais, culturais que restrinjam, mediatizem, construam esse conhecimento (Pakman, citado em Soar, p. 2).*

E Kenneth Gergen (1994), principal defensor do **Construcionismo social**, em sua obra “*Realities and Relationship's*” diz : “ *O saber é uma construção do espírito. Não se pode mais definir o conhecimento como um reflexo fiel de uma realidade ou de um mundo independente de nós*”. Afirma ainda que “*desde uma perspectiva ética já não há sentido em perguntarmos se somos objetivos ou subjetivos*”. A objetividade era uma certeza do modernismo. Aprendemos, então com ele e seus discípulos que toda realidade é uma construção social de todos os envolvidos no processo, já que a definição de sistema é um conjunto de elementos onde todos influenciam e são influenciados. O sistema terapêutico

passa a ser constituído por um único grupo que inclui a família e os terapeutas. Marilena Chauí, em palestra proferida no Centro Cultural Banco do Brasil, no Rio de Janeiro em março de 2002, nos diz que os modernos ainda acreditavam que a natureza era **real**. Os pós-modernos, por outro lado, enxergam qualquer realidade como uma **co-construção**.

Em 1980, um escritor brasileiro, Jair Ferreira dos Santos, escreve um livro com muito humor e conhecimento falando do pós-modernismo. Ele aborda as artes (literatura, cinema, escultura, etc...) para pontuar os vários caminhos e conceitos do pós-modernismo. Citando filmes como “*O ano passado em Mariemba*” (do diretor francês Alain Resnais) ele pontua o fato de que o real não existe, sendo sempre uma simples fragmentação parcial de alguém. Cita Lyotard que fala do pós-modernismo como uma ciência do instável, do contraditório, do paradoxal. Nos lembra de Nietzsche que contrariamente ao paradigma apolíneo vai defender uma vida que flui sem rotinas, enraizadas no presente e aberta ao devir, ao futuro. Fala da escrita pós-moderna que é uma literatura intertextual. O que significa que para conseguir ler esta produção é preciso conhecer outros textos.

De qualquer forma, o importante neste resumo não é entendermos profundamente de física (nem é nosso objetivo e/ou interesse), nem tampouco esmiuçar todos os conceitos das cibernéticas, mas apenas acompanhar minimamente as transformações que foram ocorrendo ao longo do tempo na história do pensamento científico. Uma vez que, querendo ou não, somos (os psicoterapeutas, educadores, pensadores, filósofos, artistas, sociólogos, antropólogos, etc...) extremamente vulneráveis e influenciados, como já dissemos, pelo caldo de cultura que nos circunda.

O meu interesse neste trabalho, portanto, são as aproximações com os pressupostos básicos de Moreno demonstrando irrefutavelmente que o homem do futuro ou o homem do século XXI é o homem moreniano, como ele já predizia. Este homem, trazido pela pena e pela mente do criador do psicodrama, está abalizado e afiançado pelo que há de mais moderno na atualidade. Só não sei se todos os psicodramatistas sabem disso. Talvez uma conscientização mais apurada ajude a todos a colocarem o psicodrama em seu lugar merecido neste século. Felizmente há, atualmente, no Brasil um movimento imenso em prol da divulgação das idéias morenianas.

Agora, antes de resumir o novo paradigma científico, penso ser útil contrapor abaixo a metáfora do **homem-máquina** ou **homem-relógio** à metáfora do **sistema vivo** (que resumem os paradigmas vistos até aqui), segundo Najmanovich (1999)⁵:

METÁFORA DO UNIVERSO RELÓGIO **ou HOMEM MÁQUINA**

1) Hipótese da identidade estática

⁵ Denise Najmanovich é epistemóloga e bióloga argentina da maior competência, muito respeitada e requisitada tanto em seu país de origem quanto no Brasil onde é estudada em alguns MBA da Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro. É ainda Mestre em Metodologia da Investigação Científica e Docente da Universidade de Buenos Aires.

A partícula elementar (a engrenagem) não muda. É estável, eterna e igual a si mesma.

2) Hipótese da totalidade desmontável

Nas relações mecânicas o todo é sempre igual à soma das partes. Não há interações facilitadoras ou inibidoras.

3) Hipótese da independência absoluta

O sistema mecânico é afetado apenas por algumas variáveis. O resto do universo é considerado como constante e não o afeta.

4) Hipótese linear e mecânica

Relação de causa e efeito reconhecível para um dado fenômeno, eliminando quaisquer outros fatores intervenientes.

METÁFORA DO SISTEMA VIVO
Onde é fácil reconhecer a filosofia moreniana

1) Hipótese da identidade dinâmica

As partes de um todo complexo e suas propriedades só tem sentido na interação e em relação com a organização total.

2) Hipótese da totalidade complexa não desmontável

O sistema possui interações facilitadoras, inibidoras e transformações internas, porque a soma não é a simples soma das partes.

3) Hipótese da autonomia relativa

O sistema complexo é aberto às interações com seu meio do qual se nutre e ao qual modifica.

4) Hipótese do universo como um entrecruzamento relacional

O contexto nada mais é que o lugar das trocas. A partir daí o universo inteiro pode ser considerado uma imensa “Rede de Interações”.

2.2.2 Resumo do Novo Paradigma Científico

Temos então agora uma nova visão de mundo (*Weltanschauung*), que se aproxima dos pressupostos morenianos e que privilegia:

- 1) A visão sistêmica. A consciência de que em um sistema (seja qual for) **todos** os membros envolvidos no sistema influenciam e são influenciados.
- 2) O sistema vivo que nos obriga a aceitar as incertezas. Morrem os dogmas e as surpresas aparecem.
- 3) A circularidade. Perceber que ao se modificar um foco sistêmico, logo surgirão outros focos.
- 4) Como consequência da circularidade, fica mais difícil basear-se em uma leitura linear de causa e efeito.
- 5) Abre-se, desta forma, um leque de opções. Surge um horizonte de eventos que nos leva a ampliar o nosso olhar.
- 6) Caminhamos assim para um mundo de possibilidades onde temos que “*ver*” que não vemos tudo.
- 7) Acreditar no eterno *dever*. Abandonar a crença em um destino imutável. A espontaneidade e a criatividade surgem como peças indispensáveis para lidar com a vida.
- 8) Parar de procurar a **verdade**. É preciso desistir da idéia de que possa existir uma única realidade para compreender o mundo, as pessoas e suas questões. Para isso é preciso uma grande dose de flexibilidade.
- 9) Retomar o nosso lugar no mundo observado, entendendo que a realidade é co-construída, dependendo do olhar do observador, do contexto e das variáveis que influenciam o seu surgimento.
- 10) Compreender que a subjetividade do observador é aceita pela ciência como um fator primordial, conforme pesquisas feitas em laboratório.
- 11) Por isso, é preciso valorizar e utilizar a figura do observador para entender qualquer fenômeno estudado.
- 12) Uma vez que a neutralidade é impossível, assumir a responsabilidade das escolhas em nosso “estar no mundo”.
- 13) Abandonar a visão simplista (micro) em prol de um pensamento complexo (macro).
- 14) Deixar de lado a análise de uma única perspectiva privilegiada... já que esta não existe.
- 15) Surge a idéia de um holismo que integra muitas variáveis.
- 16) Trazendo como consequência a possibilidade de complementação de polaridades.

3 - MORENO PROFÉTICO

*“Vamos brindar ao Who shall survive ?
Sabe, eu fui marxista e freudiana. Fiz
Psicanálise com Freud. Mas, quando li Who shall survive?,
imediatamente senti que este era um livro
que iria durar para sempre, que transcendia mesmo
Marx ou Freud”*
Gertrude Franchot Tone⁶

Assim, enquanto a ciência caminhava e se fortalecia na direção do paradigma cartesiano-newtoniano Moreno ia no sentido inverso.

Atento ao que ocorria ao seu redor, o onipotente e onipresente Moreno, questionava seus contemporâneos como Marx e Freud de igual para igual. Como todo escritor que se preze também recorreu às fontes dos mais importantes filósofos de todos os tempos. Moreno teve muitas influências apesar de sabermos que ele não se aprofundava muito em suas leituras. De Sócrates a Jesus, de Heidegger a Kierkegaard, de Sartre a Husserl, de Bergson a Buber, do Hassidismo ao Seinismo e a Spinoza e assim por diante. Naffah (1997) é muito claro ao afirmar este fato. Por isso talvez, ele ficou mais livre para imprimir sua marca registrada. Reclamando, criticando, aproveitando o que lhe parecia importante e... inovando, criando, integrando e dando vários passos à frente.

Vejamos rapidamente o que Moreno aproveita e supera (*Aufhebung*) de todos estes grandes nomes.

Na opinião da colega psicodramatista, Leonídia Guimarães:

“De Kierkegaard ele aprende a defender a subjetividade e singularidade do indivíduo. Pleiteia a responsabilidade e liberdades individuais. Mas critica-o por prejudicar sua vida particular em prol da Igreja Cristã”.(Guimarães, 1998, cap.2).

Critica o Deus de Spinoza por ser desprovido de Espontaneidade e Criatividade e, portanto não ser real nem dinâmico.

Sócrates e Jesus foram dois professores que ele muito admirou, mas... também não os poupou de suas críticas. Coloca Platão, como repórter, como ego-auxiliar de Sócrates e este último “*é o que chega mais perto de poder ser chamado de pioneiro do formato psicodramático*” (Moreno, 1992, p.29) Ele teria sido o primeiro a fazer uma inversão de papéis com os sofistas. Moreno nos ensina que a origem do Sociodrama como método de ensino, estaria calcado no método socrático. Todavia, como sempre, pontua uma grande diferença entre ele e Sócrates “*...mas é aqui que meu desentendimento com Sócrates começa. A estrutura de seus diálogos limitava-se ao aspecto dialético-lógico. Ele não entrava, como Jesus, nem na totalidade nem na essência da situação*” (Moreno, 1992, p. 30)

⁶ Ver “*J.L. Moreno – Autobiografia*”. Organização Luiz Cuschnir. Saraiva, São Paulo, 1997.

Podemos dizer que Moreno, ao desejar um homem uno, se aproximava dos teóricos que iam contra o paradigma cartesiano pleiteando o conceito de Holismo tão em voga hoje em dia?⁷

Como Husserl, valoriza o mundo dos sentidos. Aceita a idéia de que existam palavras sábias, fruto da racionalidade, mas complementa que é preciso algo mais... é preciso agir. Só assim seria possível dar conta da extrema riqueza do ser humano.

Mesmo não “*demonstrando simpatias pela corrente de pensamento essencialmente racional de Heidegger e Sartre*” (Guimarães, 1998, p.13) ele adota o seu conceito de subjetividade.

Quanto a Buber, é importante ressaltar que Moreno em sua autobiografia desmente o que sempre aprendemos: que ele teria sido influenciado e aprendido a respeito do Encontro e o do Eu e Tu com Martin Buber. Surpreendentemente, vemos Moreno dizer em sua Autobiografia: “*Seu mais famoso livro ”I and thou”(Eu e Tu) foi publicado em 1923, nove anos após meu “Invitation to an Encounter”(Cuschnir, 1997, p. 89) (o grifo é meu).*

“Buber muitas vezes recebeu crédito pelo conceito de encontro como ponto focal para o estudo de relações interpessoais. Buber, entretanto, claramente tomou de mim a “idéia do encontro” e elaborou-a em seu livro” (aspas de Moreno) (Cuschnir, 1997, p. 89).

Como para ele *Deus é espontaneidade* e ele **era** Deus, apesar de parecer contraditório, Moreno conseguia transitar tranqüilamente do existencialismo cristão de Kierkegaard ao materialismo histórico de Marx, sem dificuldades. Incorporava para si aquilo que lhe aprazia e descartava sem escrúpulos o que lhe parecia absurdo.

Inconformista, teve a coragem de refutar os mais influentes e importantes pensadores que conhecemos. Naturalmente criticava Freud por só se preocupar com o indivíduo, mas não poupou Marx de suas observações. Moreno (1974, p.21 e p. 24) dizia que Marx se situava no outro extremo de Freud, não se preocupando com o cidadão enquanto indivíduo. Criticava-o por considerar que ele só se preocupava com o social e com o povo de um modo geral. Esquecia e descuidava-se do indivíduo.

Se quisermos fazer uma análise fria e honesta, poderemos dizer que apesar de ser considerado louco e pouco consistente teoricamente ele buscava o equilíbrio faltante nestes dois monstros sagrados. Percebia e não temia apontar o exagero contido em ambas as posturas ideológicas.

Pessoalmente, gosto muito desta forma de integrar o que há de bom nos grandes autores, sem, contudo adotar uma atitude servil ou submissa com uma cegueira que proíba qualquer senso crítico. Por isso a meu ver, apesar de ele viver, crescer e conviver no modelo cartesiano citado acima, Moreno nunca abriu mão *profundamente* de suas crenças e convicções. E, como ser dinâmico, vivo e ativo, não teve vergonha de modificar algumas

⁷ Coloquei em **negrito** algumas das contribuições de Moreno mais evidentes.

de suas idéias através dos anos. Por isso criou uma teoria e práticas absolutamente originais, mesmo que advindas de várias correntes filosóficas.

O livro “*Quem Sobreviverá?*” escrito em 1934, e apenas traduzido entre nós em 1992, graças ao Geraldo Francisco do Amaral e Paulo Mauricio de Oliveira (a quem agradecemos profundamente), nós dá muitas informações a respeito do percurso de Moreno. Em 1909 (quando entra para a universidade e mesmo depois de formado), Moreno não consegue firmar-se em Viena. Freud e a psicanálise estavam no auge. Em 1900, inaugurando o século XX, Freud publica a *Interpretação dos Sonhos* que se torna um marco no mundo ocidental.

O caldo de cultura e o pensamento científico não eram propícios às suas idéias ou “maluquices”. Além do que, sabemos de seus problemas financeiros e de suas angústias e frustrações em relação ao suicídio de Robert (em 1924) marido de Dora⁸ (Fonseca, 2001, p. 275 e Marineau 1992, p. 86 e 188). De qualquer forma, a psicanálise imperava soberana e ele não poderia ter força. Assim, em 1925, sai de Viena e emigra para a América, para Nova York inicialmente. Em 1926, se muda definitivamente para Beacon, onde fica até sua morte. Na terra do *tio Sam* consegue inteligentemente adequar-se ao pensamento americano e criar a sua Sociometria dentro dos moldes requeridos pela academia.

Também é digno de nota perceber que os paradigmas precisam estar se modificando para que se aceitem as novidades. Foi somente em 1933 (4 e 5 de abril) que se inicia oficialmente o Movimento Sociométrico na Sociedade Médica do Estado de Nova York, com muito sucesso. Moreno fala de seu espanto dizendo⁹:

*“Para minha surpresa, descobri posteriormente que o responsável (por convidá-lo) teve de explicar-se perante o Comitê Executivo por ter relegado várias contribuições médicas importantes a um segundo plano... Ele convincentemente explicou que a publicidade era vantajosa para a Sociedade Médica e, que, além disso, bons médicos **abriram seus olhos** após um longo período de adormecimento e visualizaram como num **passe de mágica** o que poderia passar a ser uma autêntica sociologia médica no futuro”.*
(Moreno,1992).

Em minha opinião, não foi, em absoluto, como em um **passe de mágica**, pois como muito bem ensina Einstein “*é mais fácil desintegrar um átomo do que um preconceito*”. O que este trabalho quer demonstrar é, justamente, que as mudanças não se dão em um piscar de olhos, mas sim, em um processo lento e às vezes, doloroso de mudança de paradigmas. Estava, portanto, havendo uma mudança paulatina de mentalidade e novos ares começavam a respingar nas ciências. Por isso, naquela ocasião, um ambiente favorável às novas idéias estava se delineando.

⁸ A morte de Georg, marido de Bárbara, ocorreu **depois** de Moreno ter partido para os Estados Unidos da América, em 1925. Georg se suicida em 1929. Falarei disto no item Moreno e o suicídio.

⁹ Entretanto, foi através de um trabalho com os tirolezes em Mittendorf (um campo de refugiados afastado de Viena), em 1915 que “*a idéia do planejamento sociométrico de comunicades me ocorreu*” (Cuschnir, 1997, p.81).

Diferentemente, dos outros pensadores e cientistas, como já foi sinalizado no paradigma cartesiano-newtoniano, tudo que ele “inventou”, o fez a partir de sua própria vivência. **Ele, já na época, apesar do paradigma científico pregar a assepsia e neutralidade, não conseguia separar o homem do teórico ou pensador** “... na verdade são os dois lados da mesma moeda” (Moreno, 1992).

Maturana (1995), famoso biólogo, educador, e filósofo das **Ciências**, em seu livro “*A ontologia da Realidade*”, criticando e demonstrando o porquê da impossibilidade de separar a razão da emoção, pergunta:

“Mas, será mesmo que o fundamento emocional do racional é uma limitação? Não, ao contrário, é a sua condição de possibilidade” (Maturana 1995, p. 50).

Chega a esta conclusão após afirmar que o humano se constitui no entrelaçamento do emocional com o racional. Considerando que:

“não há ação humana sem uma emoção que a fundamente e que a constitua como tal” (Maturana, 1995, p. 51).

É verdade que Moreno para chegar às mesmas conclusões que Maturana e... muito antes dele, espelhou-se no Seinismo que pregava que o **ser** e o **saber** são uma coisa só. Vejamos o que nos diz a colega Leonídia Guimarães em sua monografia séria e consistente a respeito desta filosofia:

“... sendo que o Ser é uma pré-condição do Saber, pois a partir do saber nunca se poderia alcançar o ser” (Guimarães, 2002, p.13).

Da dialética marxista Moreno se apodera da idéia de que a realidade e o indivíduo não podem ser dicotomizados. Procura mais uma vez um autor que rompe com as cisões, buscando um homem uno.

“O concreto é a síntese de múltiplas inter-relações. Por isto não existe linearidade... não existe causa e efeito absolutos... cada fato teria múltiplas causas...” (Guimarães, 2002, p.14).

Como toda escolha nossa aponta para um viés subjetivo, podemos dizer que Moreno não escolheu este aspecto do Marxismo aleatoriamente. Muito pelo contrário, quero crer que ele se apoiava em autores reconhecidos para veicular aquilo que ele acreditava.

O que quero dizer com isso é que as idéias de Moreno se adiantavam à fala de importantes pensadores do século XXI. Em um ciclo de palestras no Centro Cultural Banco do Brasil, em março de 2001, que abordou a idéia do homem-máquina ou a visão cartesiana do homem, os filósofos convidados de notório saber, como Marilena Chauí e outros, criticaram o racionalismo que imperou na Europa com o Renascimento, a partir de 1500 e ensinam:

“Nossa idéia é aproximar cientistas e filósofos para tentar acabar com a separação entre saber filosófico e saber científico, que se agravou no século XVI”.

Moreno, no século XX, já criticava esta *magna-Ciência* que se julgava onipotente a ponto de abarcar tudo para si, explicando, ensinando, desvalorizando e desqualificando qualquer outro saber como de somenos importância. Dizia genialmente que a principal qualidade da ciência deveria ser a de estar sempre pronta a estudar a si mesma e a discordar de si própria. Assim, vejamos abaixo como esta forma de ser, de pensar, de agir e de sentir pôde sobreviver até hoje. Ou seja: viajemos no mundo fantástico de Moreno, através do túnel do tempo.

3.1 Contribuições Morenianas para as Psicoterapias, o Homem e o Mundo

*“Cestas de pescaria são utilizadas
para pescar; quando o peixe é pego,
os homens se esquecem das cestas;
as armadilhas são utilizadas para caçar
lebres; uma vez que estas são pegadas,
os homens esquecem as armadilhas.
As palavras são utilizadas para expressar idéias;
mas quando se apoderam das idéias,
Os homens esquecem as palavras.”*
Niels Bohr

E Moreno (1992) disse, certa vez *“A origem de uma idéia é removida do criador individual e devolvida à universalidade”.*

Apesar de ter consciência disso, Moreno reclamou, no final da vida, de ter fracassado. Queixava-se de ter sido injustiçado, não ter sido citado, ter sido copiado impunemente, apesar de seu filho Jonathan (primavera de 1989), na sua autobiografia, afirmar que Moreno foi finalmente valorizado uma vez que teve vários reconhecimentos importantes. Principalmente no final da vida, após sua ida à Nova York¹⁰.

Todavia, podemos entender seu sentimento se considerarmos o seu desejo maior de revolucionar o mundo, sobrepor-se a todos os maiores mestres citados acima. Desejo, frustração, conquista, sucesso, fracassos, delírios, amigos, inimigos... deste amalgama foi povoada a existência de Moreno. Por que tão controvertido, por que odiado e amado? Por que este tributo/retomada a Moreno?

Afinal quem foi Moreno? Um ser inseguro, rivalizando com tudo e todos, absolutamente necessitado de reconhecimento e aceitação? Infantil, egocêntrico, megalomaniaco, pouco

¹⁰ Ver os livros de Marineau (1992) e de Cuschnir (1997)

consistente, pouco teórico, pouco estudioso, ingrato “plagiador” de idéias de outrem, condescendente e magnânimo consigo próprio, mas crítico implacável com os demais, louco varrido? Sem dúvida, com todo respeito e carinho por ele podemos dizer que sim! Moreno foi tudo isso!

Mas, além disso, ou talvez por tudo isso, o *ingênuo-gênio*, segundo Fonseca¹¹, pôde ser brilhante, audacioso, profético, corajoso, “abusado” no melhor sentido da palavra e por isso, quis abarcar todas as áreas do conhecimento, dizendo-se filósofo-religioso-psicoterapeuta-político¹² e tudo mais que existe no mundo. Afinal, sendo Deus não teria que ser onipotente e onipresente? Em minha opinião, talvez Moreno fosse o melhor exemplo de uma sublimação (no sentido psicanalítico) bem feita, criativa e passível de ajudar a si próprio, aos que lhe cercam e finalmente à humanidade.

E é disso que falarei a seguir. É preciso de fato ter todos os atributos mencionados acima (positivos e negativos) para não se deixar abater pelos fracassos, ironias e rejeição e conseguir construir o legado riquíssimo que nos deixou de herança. Graças a seus poucos temores, sua genialidade e espontaneidade¹³, ele **estava, sim**, fazendo Ciência. Uma ciência que não poderia ser aceita nem mesmo entendida pelos pensadores da época, mas... que hoje está sendo aceita como uma forma de se fazer Ciência, com letra Maiúscula.

Comecemos, então, abaixo pela “loucura benigna” de Moreno, para apontar apenas algumas de suas contribuições proféticas mais importantes:

3.1.1 Moreno, as Minorias e a Loucura (a própria e a dos outros)

É claro que só esse item poderia ser objeto de um livro. Entretanto, prefiro neste trabalho me limitar a poucos exemplos.

No relato que faz em “*Terapia pelo psicodrama de uma caso de paranóia*” (Moreno, 1974) Moreno entende o desejo da paciente Marie de viver com Georg, mas não de se casar. “*Ela não queria assumir o seu nome Schmidt*”. Ao invés de considerar este fato mais um gesto da loucura de Marie, Moreno legitima o seu pedido, sugere que ambos escolham um *terceiro* sobrenome e faz uma previsão que se concretizou:

*“O fato de que uma mulher tome o nome de seu marido reflete o “status quo” de nossa cultura e uma concepção do casamento que **desaparecerá talvez um dia** se considerar as motivações de Marie como sinais precursores de uma evolução futura”* (grifos meus).

¹¹ Em comunicação pessoal.

¹² Ver Fonseca (2001) e crítica de Naffah (1997) a este respeito.

¹³ Ler do “*Oráculo ao Destino*” escrito em co-autoria com Ailton Scavassa e apresentado no II Congresso Ibero-Americano de Psicodrama em Águas de São Pedro, em abril de 1999, onde sugerimos algumas hipóteses para esta extrema coragem. O texto está no capítulo 7 do livro “*Integrando Diferenças*”.

Em 2002, no livro *“Casais em Crise”* de Peggy Papp, um artigo de Esther Perel fala da necessidade de se criar uma *“terceira realidade”* para dar conta de problemas advindos das diferenças culturais entre parceiros. Mas na ocasião talvez isso fosse impensável.

O que podemos apreender da citação de Moreno? Segundo sua visão de mundo, a forma de lidar com a loucura ou doença mental é de profundo respeito e principalmente dando-lhe um status de criatividade que antecipa fatos que serão considerados “normais” e adequados em outro momento. Foi assim com Marie, foi assim com Moreno.

Moreno fala da “desigualdade” que faz com que a mulher tenha que assumir legalmente o nome do marido. Ou seja, também antecipa as conquistas do movimento feminista no mundo.

Rebelando-se contra o que ele achava ser a “normatização” do ser humano através da psicanálise¹⁴, levava sua loucura ao extremo, permitindo que o chamassem de paranóico, megalomaniaco, exibicionista e desajustado social, provando que mesmo assim poderia ser:

“razoavelmente controlado e saudável e ainda possuidor de produtividade aparentemente maior, devido à atuação destes aspectos não por tentar reprimilos e resolver seus sintomas...” (Moreno, 1992).

Sem ter uma visão romântica da doença mental, sou obrigada a concordar que tanto Marie (a paciente paranóica) quanto Moreno previram eventos futuros, não como magos ou cartomantes, apenas por terem uma sensibilidade à flor da pele que permite ousar onde a maioria dos mortais fica paralisada.

Preocupado com a discriminação das minorias (tão em moda atualmente) e as desigualdades sociais no mundo, Moreno trabalha com as prostitutas, ajudando-as a se respeitarem como seres humanos. Em 1913-14 cria uma “associação de prostitutas”. Diz:

“Visto de fora parecia um sindicato de prostitutas, na realidade era uma associação terapêutica” (...) *“O segredo consistia em encorajar as moças a serem o que eram: prostitutas”* (Moreno, 1974).

Hoje já existe um sindicato de prostituição, *madames* na Europa indo aprender com estas profissionais do sexo a satisfazer seus maridos e na coluna *Opinião* do Jornal do Brasil em 2001, lemos o título *“Prefeito indiscreto, prostitutas discretas”*. O texto é assinado por ninguém menos que a Coordenadora Nacional da Rede Brasileira de Profissionais do Sexo, Gabriela Silva Leite, que pergunta do alto de sua posição de reconhecimento e dignidade:

“Em que lei está baseado o prefeito César Maia para baixar um decreto para multar, fotografar, prender e se autodenominar guardião da moral e dos bons costumes da sociedade carioca?”

¹⁴ Posição da qual discordo em parte e que explico o porquê em *“Atualizando a Cena ou Crônica de uma Teoria Anunciada”*, trabalho apresentado no XI Congresso Brasileiro de Psicodrama, Campos de Jordão, 1998. O texto está no capítulo 8 do livro *“Integrando Diferenças”*.

E o texto continua dizendo ser uma atitude de pura hipocrisia do prefeito, dando-lhe inclusive uma “lição de moral” e ensinando-lhe boas maneiras... com base no código da prostituição...

Senão vejamos:

“Na verdade, as prostitutas são mais dignas do que o senhor prefeito. Faz parte do código da prostituição a discricção. É uma regra que nunca pode ser violada”.

Pasmamos, concordamos, discordamos... ? Isso não tem a menor importância. O que importa, na verdade, é que a conquista das minorias é um fato. A história nos trouxe até aqui e Moreno... em 1913 já pensava nisso.

3.1.2 Moreno e a Terapia de Casal

Em 1939 Moreno faz um “*Psicodrama de Casal*” que é um sucesso absoluto. Ao atender o triângulo Frank e Anna Maurer, com a respectiva amante Ellen, Moreno “inventa” muitos conceitos hoje caros a todos os terapeutas de casal e família. Vejamos porque:

- 1) Intui a pragmática da comunicação humana com seu enfoque digital e analógico e a noção de *double-bind* ou mensagem contraditória. “*Na vida real as pessoas às vezes dizem uma coisa e agem de forma contrária*” (Moreno, 1974, p. 185).
- 2) Sinaliza a complementaridade sistêmica.
- 3) Ocupa às vezes a posição de Investigador Ingênuo.
- 4) Aponta e esclarece as lealdades invisíveis.
- 5) Percebe como Bowen a dificuldade de separar-se da família de origem.
- 6) Entende muito claramente o que hoje sabemos. Moreno diz: “*Ele acreditou que havia se casado com uma só pessoa, mas em vez disso casou-se com toda a família*” (Moreno, 1974, p. 190).
- 7) Introduz a amante no “como se”, através da dramatização.
- 8) Moreno fala da própria experiência como Mony Elkaim (1990) e toda a visão cibernética de segundo grau.
- 9) Conduz por vezes a terapia como se fosse uma conversação comum, como prega o construtivismo atual.
- 10) Traz a amante Ellen (ao vivo e a cores) com Frank e Anna (na nona e décima sessão, quando a relação terapêutica já está estabelecida). Ou seja, como nos diz Moreno (1974, p. 215) ao resumir os resultados obtidos neste caso : “*trouxe os três participantes a uma confrontação direta*”.
- 11) Circulariza as perguntas.
- 12) Dá conotações positivas.
- 13) Pontua a importância do primeiro encontro para qualquer casal ¹⁵.
- 14) Estimula as tarefas.

¹⁵ Ver “*A Guerra dos Roses*” in: Levy, 2000, capítulo 3.

- 15) Preocupa-se com a escolha do cônjuge, entendendo que podemos escolher o nosso pior pesadelo para matrimônio.
- 16) Faz uma terapia breve, de 15 em 15 dias, extremamente atual.
- 17) Não busca o *happy-end* do casal. “*Não foi possível manter o casamento de Frank e Anna, mas uma boa separação é mais sadio que um mau casamento*” (Moreno, 1974, 215).
- 18) Faz rituais de separação.
- 19) Fala explicitamente do nó de regras contraditórias, como Mony Elkaim (1990) muito mais atual.
- 20) Preocupa-se com a questão cultural não pensando de forma cartesiana ou evolucionista “*Há em geral, limites estéticos e éticos* (estas duas últimas palavras estão em itálico no original) *das representações que o diretor terapeuta deve sempre observar. O mesmo problema pode ser tratado diferentemente em diferentes culturas*” (Moreno, 1974, p.216).

E finalmente, depois de uma terapia breve que durou dez sessões, com início, meio e fim, como se faz hoje, Moreno diz :

“Foi possível, através de sessões psicodramáticas, depois que não se podia mais impedir a separação de Frank e Anna, realizar uma espécie de “divórcio catártico”, de tal forma que ambos os cônjuges se separaram de maneira relativamente amigável” (Moreno, 1974, p.214).

3.1.3 Moreno e a Terapia de Família

Em 1911, Moreno faz sua primeira tentativa de psicoterapia de grupo, em Viena. **Começa, na realidade, no lugar aonde muitos de nós (psicoterapeutas individuais e de crianças) chegou hoje: a terapia familiar.**

“Aos poucos, começamos a passear pelas ruas e jardins com as pessoas que nos pareciam deprimidas. Finalmente fomos às suas residências e praticamos uma espécie de psicoterapia de grupo familiar in situ” (Moreno, 1992).

“Os grupos familiares constituem um tipo especial de grupo heterogêneo” (Moreno, 1992).

“O indivíduo não é tratado separadamente, mas in situ no contexto natural em que se encontra: na família, no trabalho (prenúncio da análise institucional moderna?) na comunidade, ou em clínicas...” (Moreno, 1992)

Além disto o *genial-louco* Moreno sempre de olho na psicanálise e em Freud, reclama que:

“A estrutura dinâmica da família foi avaliada até agora apenas do ponto de vista do indivíduo,... não foi levado em consideração o ponto de vista do grupo todo”. (Moreno, 1992, p. 81).

Chega ao máximo da audácia de dizer que Freud deveria analisar a **sua** família assim como analisara **seus** sonhos. E vai mais além, **preconizando toda a visão sistêmica atual**. Atento nos diz que: “*verificou-se que a situação do indivíduo modifica-se quando há uma alteração de conjunto na constelação do grupo*” (Moreno, 1992), como está mais do que comprovado hoje.

Queixa-se que um paciente se deitava sozinho no divã. Não levava consigo nem o pai, nem a mãe. Parece piada, mas não é. Por mais louco que pudesse parecer na época, Moreno fala da importância do sistema familiar. Afirma que para entender melhor o complexo de Édipo, Freud deveria ter pensado de forma mais abrangente. Assim, ao contrário dos detratores da psicanálise que questionavam não só a sexualidade infantil, mas também o complexo de Édipo, Moreno faz algo mais brilhante e profético: **amplia a noção edípica para toda a família**. Na realidade, Kerr, M. e Bowen, M. (1988), Hoffman (1981), Haley (1966) e Levy (2001) como muitos outros terapeutas familiares atuais, afirmam que a situação triangular ultrapassa muito o complexo edípico.

“O triângulo é a molécula básica de um sistema emocional... É a menor unidade de um relacionamento estável... Basta observar os triângulos para entender o como, o quê, quando e onde dos relacionamentos”.

Segundo estes autores os triângulos seriam mais profundos do que os genes e tão constitutivos do ser humano que não precisariam ser ensinados.

Assim, o que fascina em Moreno é que ele não duvidou do complexo Edípico, apenas anteviu sua limitação que ficava restrita a um triângulo formado por pai, mãe e filho. Teve a petulância, coragem e principalmente visão de dizer:

“Freud teria que submeter à análise toda a família e fazer uma análise total de todas as pessoas do drama e das relações entre elas: a análise de seu pai Laios, de sua mãe Jocasta, de Édipo e Laios, de Édipo e Jocasta, de Laios e Antígona. A situação de Édipo reflete-se diferentemente em cada uma dessas pessoas no enredo entre elas três e a constelação de toda a família edípica é prevista” (Moreno, 1992).

Nos Anais da Sociedade Americana de Deficiência Mental, de 1933 Moreno escreve um artigo chamado “*Psychological Organizations of Groups in the Community*” considerado como o “*primeiro trabalho norte-americano em que o autor descreveu o Princípio da Terapia de Família*” (Moreno, 1974).

3.1.4 Moreno e a Psicoterapia de Grupo

Quanto mais pesquisamos e mais estudamos, mais chegamos à conclusão que realmente Moreno foi um dos primeiros a pensar em terapia de grupo. Após a II guerra mundial houve um movimento para tratar dos “neuróticos de guerra” (de 1945 em diante) e a terapia individual não seria suficiente para atender a todos os internados nos hospitais.

Bion¹⁶, considerado um dos mais notáveis teóricos e clínicos de grupo psicanalítico não cita Moreno. Nem Moreno cita Bion... Podemos pensar, entretanto, que não há plágio nem má fé nisso. Talvez como ocorreu na aviação, onde até hoje se discute se Santos Dumont foi ou não o inventor único do avião, e os prêmios Nobel duplos com agraciados de países diferentes chegando às mesmas conclusões, ou mesmo nas ciências de um modo geral, alguns estudiosos descobrem eventos semelhantes sem se conhecerem.

Entretanto, sabemos que Moreno esteve na Clínica Tavistock¹⁷, e conheceu o famoso Dr. J.R. Rees, primeiro presidente da Federação Mundial de Saúde, berço e ídolo de Bion. Se eles se conheceram ou se encontraram... não posso afirmar. Não encontrei referências mútuas. Ambos, todavia, reconheceram que “... *o grupo tornou-se o novo sujeito*” (Moreno, 1974 p.87). Assim... acreditemos na concomitância e na força do caldo de cultura e paradigmas vigentes influenciando tudo e todos.

Por outro lado, a tão discutida e controvertida contra-transferência ou transferência do analista, que os psicanalistas costumam atribuir a Franz Alexander como sendo o *primeiro* e mais sólido psicanalista a operacionalizar esta noção, hoje fica difícil saber de quem foi, de fato, a autoria.

No famoso Simpósio da Filadélfia, em 31 de maio de 1932, organizado pela American Psychiatric Association, Franz Alexander esteve com Moreno, entre vários outros psicanalistas menos conhecidos hoje, mas que na ocasião eram eminentes profissionais da área.

Na sessão chamada “*Um colóquio terapêutico*”, em que Moreno fora convidado a palestrar, Benjamin Karpman afirma que:

“O único caminho para obter resultados é o estudo completo do indivíduo...”
“no atual estado de coisas, não posso ver como seria possível a psicoterapia de grupos com presidiários” (Moreno, 1992, p.148 e segs) .

Os argumentos de Moreno, **mesmo se na época não foram aceitos em sua totalidade, não deixam de ser absolutamente utilizados e compreendidos atualmente**. Moreno fala da constituição de uma *comunidade terapêutica* e pergunta:

¹⁶ Bléandonu, G. – Vida e Obra de Bion. Imago, Rio de Janeiro. 1993. Tradução de Laurice Levy e Marcella Mortara.

¹⁷ Depois chamado Instituto Tavistock, famoso por seu centro de atendimento e seus conceituados psicanalistas que serviram de modelo para várias gerações de terapeutas de grupo e individual.

“Muitas enfermidades foram estudadas com êxito por médicos que experimentaram consigo mesmos. Por que não aplicar o mesmo princípio ao problema da organização da psicoterapia de grupo?” (Moreno, 1992, p. 165).

A análise de grupo (daquela conferência) que Moreno faz é primorosa e digna dos melhores psicanalistas de grupo modernos, acrescida da espontaneidade e criatividade tipicamente morenianas. Penso que nem Bion (conhecido e reconhecido por seu brilhantismo em trabalhar com grupos) faria algo melhor. Moreno ressalta tanto o consciente quanto o inconsciente grupal naquela ocasião. Além disso, fala explicitamente de Jesus dizendo que mais assombroso que seus milagres foi ele ter percebido as situações e provocar conversões e curas em meio à realidade social. Diz que este grande mestre teria nos dado uma pista para levar isso à prática, pois teria fundado a *comunidade cristã*.

*“Seu conhecimento intuitivo da posição que cada pessoa tinha no grupo (sociometria?) permitiu-lhe fazer com que uns e outros se enfrentassem e produziu efeitos onde menos se esperava” (...) “Tratava” (aspas no original) a Judas ao argumentar com Pedro, criticou Maria através de Maria, censurou os fariseus mediante seu amor por Madalena. A comunidade conventual foi realmente em sua origem uma tentativa de “melhorar” a sociedade, um exemplo de uma nova ordem social, que estava muito mais próxima da natureza revolucionária do cristianismo primitivo da Igreja. **Era uma espécie de cura pelo grupo** (grifo meu). Um homem melhorava e inspirava os outros...” (Moreno, 1974, p. 165).*

Nada mais sistêmico, poderíamos dizer hoje com certeza.

Moreno afirma que ao cunhar o termo psicoterapia de grupo na literatura ele não tinha imaginado o seu crescimento *“... o termo se transformou no nome genérico de todos os métodos de tratamento de grupo...”* (Moreno, 1974 p.28).

Moreno estava procurando um método que influenciasse terapeuticamente tanto o indivíduo quanto o grupo. Pressentia *“que um paciente é agente terapêutico dos outros. É o princípio da interação terapêutica”* (Moreno 1974). Afirma também que mesmo a ludoterapia, depois muito utilizada por Ana Freud e Melanie Klein, teve seu caminho facilitado por ele (Moreno, 1992 p.35). Quem sabe ele merece um voto de confiança?

3.1.5 Moreno, a Internet e o Homem do Futuro

Um lugar indeterminado, num tempo indeterminado. Uma palavra indeterminada para um homem indeterminado”

Moreno

Para falar de *“Moreno, a Internet e o homem do futuro”*, basear-me-ei em minha experiência como moderadora do Debate-FEBRAP, no período de 1999 a 2001, que me impulsionou a sair em busca de informações científicas, teóricas e principalmente

atualizadas¹⁸ a respeito das novas formas de comunicação. Isto me ajudará a questionar se as idéias morenianas podem ajudar os psicodramatistas a conviverem mais facilmente com as novas tecnologias.

No entanto, antes de começar é preciso relatar que Moreno ao ser convidado pelo psicanalista americano Brill para comentar a sua análise a respeito do presidente Lincoln, na Convenção da Associação Americana de Psiquiatria no Royal York, responde assim:

“... esta escolha seria irracional no sentido psicanalítico, não no sentido sociométrico. Brill e eu estávamos, segundo nós, os sociometristas, na mesma “rede” embora estranhos, intimamente relacionados” (Moreno, 1992, p.54).

É importante sinalizar que as aspas na palavra rede são do próprio Moreno. Possivelmente em 1931, não era comum falar de **rede**. **Mais uma vez... Mestre Moreno, o pioneiro**. Será que podemos dizer que aqui existe uma correspondência entre os sociometristas e os internautas?

Talvez não possamos afirmar de imediato que sim. Mas creio que poderemos, através do que será visto abaixo, encontrar subsídios mínimos para acreditar que, algumas vezes, existe uma certa analogia.

Comecemos por uma citação de Carlos de Lucena¹⁹ - coordenador do laboratório de engenharia de software do departamento de informática da PUC/RJ, doutor em computação pela universidade da Califórnia - que dizia que em se tratando de Internet, só existem duas verdades:

“A primeira é que ninguém é especialista nisso, tudo está por aprender e a segunda é que daqui a dois anos tudo vai ser diferente”

Ou seja: os que lidam com estas questões sabem que tudo corre tão velozmente que nossas certezas de hoje rapidamente serão obsoletas amanhã e serão substituídas por novas questões e desafios²⁰.

Em setembro de 1996, em São Paulo, no decorrer do Sexto Encontro Internacional de Mídia, discutiu-se o potencial da Internet como meio de comunicação para toda e qualquer instituição. Assim, a FEBRAP (Federação Brasileira de Psicodrama) não querendo ficar na contramão da história, deu seus primeiros passos nesta área, criando em 1997 uma *home-page* na Internet. Era o que havia de mais moderno. Hoje seria o *site* se o portal não o tivesse substituído. Na realidade, era exatamente quando todas as empresas, pessoas e instituições começavam a ingressar na era da Internet.

¹⁸ Para não ficar aferrada a um paradigma ultrapassado. É claro, sem perder nunca de vista a pergunta: atualizadas, até quando?

¹⁹ Jornal do Brasil, 18 de junho de 2000.

²⁰ Como, aliás, já está ocorrendo. No momento em que escrevo este trabalho, já não sou a moderadora do Debate-FEBRAP. Indiquei a colega Silvia Petrilli para o meu lugar e o espaço já está com outra configuração, um pouco diferente. A colega está fazendo um belíssimo trabalho.

Assim, procurando informações sobre Newsgroups, chats, Ensino à Distância e Tecnologia da Informação encontrei, entre outras coisas, no Informe CPAD do Senai Dr/RJ que existem **distâncias geográficas, distâncias culturais, sociais, temporais, distâncias relativas e distâncias relacionais**. Essa última é quem vai dar a verdadeira dimensão da **distância real**. Porque é essa, a **distância relacional**, que pode promover ou impedir o crescimento, a troca, a aprendizagem, etc... Ela, portanto, para nós, é a mais importante.

Não tenho dúvidas hoje de que minha proximidade com colegas de outros estado do Brasil, da França e de outros países, muitas vezes é infinitamente maior do que com vizinhos de prédio.

Descobri, portanto que um grupo on-line é tão **real e relacional** que acaba retratando todos os movimentos grupais conhecidos pelos colegas que estudam, trabalham e lidam com grupos todos os dias. Temos lideranças, positivas e negativas, alianças, panelinhas, rivalidades, encontros, desencontros, ciúmes, afetos, desafetos, inclusões, exclusões, indiferenças enfim tudo que ocorre em qualquer grupo presencial.

Não é à toa que Antony Williams usa a palavra cibernética em seu livro Psicodrama Estratégico (1994) para se referir a Moreno. Vejamos o que ele diz:

“O conceito de Moreno, segundo o qual o membro mais espontâneo de um grupo é o líder do grupo, ainda goza de aceitação no moderno trabalho de grupo e é mais “cibernético” do que muitos conceitos psiquiátricos modernos”.

Isso nos levaria a ter ímpetos de falar sobre *novas formas de comunicação, antigas formas de relacionamentos*. No entanto, mesmo que saibamos que por trás de cada computador existe um ser humano que traz consigo o seu modo peculiar de funcionar, suas melhores características e também suas dificuldades, é importante ficar atentos ao **novo** e ao **inusitado**, e deixar de lado o já conhecido para não pasteurizarmos o conhecimento. É preciso lembrar que estamos lidando com uma nova realidade que deve obrigatoriamente ser vista e apreendida a partir de conceitos novos e de uma nova forma de pensar. A começar pelo fato (inédito) de que um computador não é uma máquina como outra qualquer.

Um médico, ciente deste fato, receitou para o seu paciente recém enfartado, repouso. Ele poderia ligar todos os aparelhos que tivesse em casa: TV, som, rádio, etc., mas computador não (Nicolaci-da-Costa, 1998). Muito bom senso demonstrou ter este médico, pois sabemos hoje o quanto a Internet mexe com as vísceras, a alma, a mente e o coração das pessoas. Simplesmente porque estamos interagindo o tempo todo com gente. Gente “ligada” em gente ininterruptamente.

A partir daí, instaura-se uma nova lógica para uma nova realidade. Esta última tem métodos e recursos, instrumentos e discursos absolutamente novos e diferentes. Começamos uma era onde as pessoas aprendem sozinhas, mas onde, paradoxalmente, a ajuda mútua à distância aumentou muito. O raciocínio rápido se desenvolve. A interação e integração é uma constante. A facilidade em acessar veloz e infelizmente vorazmente qualquer tipo de

informação é um fato. Daí também trazer todos os malefícios que podem advir da falta de equilíbrio, da ânsia de abraçar tudo ao mesmo tempo. Problemas físicos tais como o LER (Lesão do Esforço Repetitivo) e psicológicos (stress, etc...) entre outros estão se tornando uma constante. Frederic Michael Litto²¹ ensina que para não sucumbir à lógica do excesso:

“é preciso não se deixar soterrar pela grande quantidade de dados”... “a velocidade com que a tecnologia se renova promete remodelar drasticamente os ambientes de trabalho e de aprendizado”.

Esta compulsão descrita acima tem a ver com a própria história da Internet. A velocidade e o acúmulo de informações estão inscritos em sua origem, em sua pré-história ou em sua árvore genealógica, como queiramos. Na realidade a Internet foi criada nos Estados Unidos preocupados com o militarismo (dos inimigos) e as guerras (frias ou quentes). Foi a maneira mais rápida que encontraram para as trocas de informações científicas entre pesquisadores de todo o mundo. Assim, um dos principais objetivos da Rede é:

“Integrar com cada vez mais eficácia e velocidade as colaborações de cientistas que trabalhavam em lugares distantes” (Nicolaci-da-Costa, 1998).

Só que a sua expansão foi sendo tão grande que o CERN (Conseil Européen pour la Recherche Nucleaire) criou a WORLD WIDE WEB, a famosa e conhecida de todos nós WWW que integra tudo e todos. É, portanto, isto que herdamos: A possibilidade de nos ligarmos e integrarmos com nossos pares do Brasil e do mundo, simplesmente porque Rede é sinônimo de comunicação. Obviamente, ninguém é ingênuo de pensar que isso ocorre sem dificuldades.

Por isso me parece pertinente refletir sobre o modo como pode funcionar nosso debate, dentro dos novos paradigmas científicos e das modernas Tecnologias da Informação. E, principalmente questionar como nós psicodramatistas com todo o nosso arsenal de conhecimento teórico e prático poderíamos nos beneficiar deste poderoso e novo meio de comunicação ?

Não podemos ter dúvidas de que todas estas tecnologias do conhecimento exercem uma forte pressão sobre nós. Mas, como ensina toda a cibernética de segunda ordem e como no quadro “As Meninas” de Velasquez (onde ele se **pinta pintando** as filhas do Rei), não podemos esquecer que o observador está incluído no objeto observado; ele o influencia e é profundamente influenciado por ele, como já foi explicitado anteriormente.

Silvio Gallo (1999) ensina:

“... o uso de tais tecnologias influi sobre o próprio saber que se produz, definindo-o num campo próprio a tal tecnologia, do qual nem sempre é possível escapar”.

Pierre Levy (1996) mentor e mestre da pós-modernidade nos diz que:

²¹ Presidente da Associação Brasileira de Educação à Distância, em 1999, dando uma entrevista ao Jornal do Brasil, no caderno Empregos de 19 de setembro de 1999.

“As tecnologias intelectuais desempenham um papel fundamental nos processos cognitivos, mesmo nos mais cotidianos...”. “... Essas tecnologias estruturam profundamente nosso uso das faculdades de percepção, de manipulação e de imaginação”.

Penso que esta mudança na forma de pensar o conhecimento e o saber já vinha se delineando desde Deleuze e Guattari, nos anos 60. Apesar destes autores não terem falado diretamente da Internet como a vivenciamos hoje, eles na minha opinião e das pessoas que se interessam pelo Estudo à Distância (EAD), nos legaram um discurso muito importante para pensarmos as atuais formas de comunicação.

É principalmente com o conceito de paradigma rizomático que podemos encontrar formas modernas de funcionar. Gostaria de lembrá-los do que seja um rizoma. É um termo que vem da botânica e que tem como característica principal a ausência de uma raiz primária ou folhas completas. Ele se opõe ao paradigma arborescente que privilegia a hierarquização do saber; valoriza a reprodução de modelos e estimula as cópias ad infinitum. O paradigma arborescente é, portanto, aquele olhar mecânico, previamente definido que explicamos no item **Pensamento Científico Clássico**. A meu ver, as idéias de Moreno se aproximavam do paradigma rizomático apesar da visão arborescente dominar o pensamento científico de sua época.

A concepção rizomática, ao contrário, remete à multiplicidade e por isso subverte a ordem da concepção arborescente.

*“o rizoma pode ser mapeado, cartografado e tal cartografia nos mostra que ele possui **entradas múltiplas**” “...o rizoma pode ser acessado de infinitos pontos, podendo daí remeter a quaisquer outros em seu território” (Gallo, 1999).*

Teríamos então várias possibilidades de entradas e saídas e inúmeras formas de aproximações, percepções, cortes, conexões, etc... Esse rompimento com o conhecido cria formas inusitadas de comunicação e nos obriga a transitar por múltiplos e possíveis “devires”. **Mas, afinal esses “devires”, tão valorizados pelos filósofos atuais, não seriam uma outra forma de falar da espontaneidade Moreniana?** Ou do fator E que ele sempre pleiteou estar presente em todos nós, o tempo todo, nos surpreendendo e nos encantando?

Entretanto, por sermos seres humanos este novo é sempre assustador. Nos deparamos com falhas e erros que não conseguimos controlar e isso nos aponta para a nossa impotência frente às máquinas. É preciso aprender a se renovar e a lidar com essas vicissitudes, pois feliz ou infelizmente este avanço é inevitável a partir de tudo que estamos constatando, experienciando e estudando com todos os mestres e “profetas” da atualidade. **E predito por Moreno...**

Assim, concordando com Deleuze e Guattari, penso que podemos fazer uma analogia com o nosso debate que também subverte a metáfora arbórea. A relação rizomática é:

“... uma relação intrínseca entre várias áreas do saber, representadas cada uma delas pelas inúmeras linhas fibrosas de um rizoma, que se entrelaçam e se engalfinham formando um conjunto complexo ao qual os elementos remetem necessariamente uns aos outros e mesmo para fora do próprio conjunto” (Gallo, 1999).

Na Rede, os links são circulares. Por isso podem interagir com absolutamente tudo e todos. Desta forma os textos já não são lineares. Os modernos pensadores re-descobriram Felix Guattari para dar conta de todas estas novidades. Este filósofo francês sugeriu o termo *transversalidade* quando trabalhavam em instituições. Cunhou este conceito para se opor à noção vigente de transferência. Hoje, ele está sendo retomado pois compreendeu-se que a noção de transversalidade acaba com os horizontalismos e verticalismos e aponta para a mobilidade, ajudando portanto a lidar com toda a revolução trazida pela Internet e pelo **horizonte de eventos** que se descortina à nossa frente.

Guattari ensina que:

“Viver esta transversalidade é perceber conexões inimagináveis através do paradigma arborescente. É como viajar pelo território do saber como as sinapses viajam pelos neurônios, uma viagem aparentemente caótica que constrói os seus sentidos” (Gallo, 1999).

Citarei abaixo algumas falas de pessoas entrevistadas por Nicolaci-da-Costa no livro *“Na malha da rede”* (1998), em uma pesquisa sobre Internet, realidade, rede, tempo, espaço, etc., que retratam muito bem um dos princípios do paradigma rizomático chamado de **princípio da conexão** e que nos ajuda a pensar se as novas formas de comunicação, os contatos modernos e sem corpo, via Internet, são contatos reais e, podemos crer com *tele* na sua melhor acepção.

a) Princípio da conexão:

- *“Fiquei impressionado como o mundo se tornou pequeno”.*
- *“Nunca tantos falaram (se conectaram) tanto com tantos”.*
- *“O hp de meu computador se expande de 1.2 Gigabytes para o tamanho do mundo”.*
- *“Muitos ligados a muitos”.* Sabemos o quanto o termo **ligado** (tele) tem várias conotações. Haja visto o número de casamentos que ocorrem atualmente, com conhecimento via Internet.
- *“No tempo, espaço e realidade da Rede tudo pode interagir com tudo e todos podem interagir com todos”.*

Este é o princípio da conexão: total, irrestrito e absoluto.

b) Princípio da heterogeneidade

- “A rede pode minimizar preconceitos e facilitar a comunicação entre pessoas de diferentes culturas”.

No debate-Febrap assistimos a convivências de doutores, mestres e escritores com recém-formados, alunos do psicodrama e até mesmo leigos²².

c) Princípio da multiplicidade

Um texto não é mais estático. É dinâmico. Podemos interagir com ele. Cortar, colar, recortar²³. O novo papel é a tela do computador.

d) Princípio da cartografia

“O rizoma (diferentemente da concepção arbórea que, como já foi dito, nos remete ao mesmo) enquanto mapa, possui sempre regiões insuspeitas, uma riqueza geográfica pautada numa lógica do *devir*, da descoberta de novas facetas” (Gallo, 1999).

E como angustia não saber o que vem depois ! Somos jogados na perplexidade e no imponderável.

Ao mesmo tempo, em que o grupo *on-line* é um grupo como qualquer outro, o paradigma rizomático, com alguns de seus princípios que já enumeramos, elimina a idéia de hierarquização ou de esquemas rígidos e estáticos ou propostas pré-determinadas. Ele, na realidade, nos aproxima muito de nossa forma de trabalhar hoje com famílias e grupos a partir da cibernética de segunda ordem. Como já foi dito, a pós-moderna idéia dos sistemas, com o construtivismo principalmente, postula a idéia de que não há separação entre o terapeuta e a família, entre o professor e o aluno, e (chego à conclusão) entre o moderador de um debate e o grupo.

Formamos um só e único sistema onde todos juntos construímos uma história, objetivos e possivelmente várias produções. É claro que a tendência inicial de todos é tentar compreender e remeter qualquer inovação a algum modelo já conhecido. Sem dúvida é uma fórmula humana de conseguir segurança em esquemas fixos e pré-determinados.

Na verdade, o que os novos paradigmas ensinam (por mais que sofram com isso) é que não podemos nos acomodar passivamente a um ambiente fixo (*pois este já não existe*) e somos, portanto obrigados a co-evoluir buscando trocas férteis e ativas.

Hoje podemos fazer coisas impensáveis há pouco tempo atrás. Como o tempo na Internet, além de longo se torna largo, podemos tranquilamente fazer aquilo que nossas mães diziam ser impossível: *chupar cana e assobiar ao mesmo tempo* (Nicolaci-da-Costa, 1998). A propaganda da Microsoft se baseava exatamente nisso para se tornar líder do mercado. Para

²² O fato de ser o nosso Debate-Febrap um grupo aberto está sendo repensado pelos co-listeiros e nossa moderadora Silvia Petrilli.

²³ Isso, inclusive, está obrigando as pessoas a reverem as normas dos direitos autorais.

melhor vender o seu produto ela se vangloriava de que seu programa fazia muitas coisas ao mesmo tempo.

Se pensarmos, mais uma vez, na metáfora do homem-relógio ou de universo-relógio, veremos que, em relação ao tempo e ao espaço, na Internet há uma volta ao primitivo, ao natural, ao biológico. Quando um internauta navega a qualquer hora (pode ser de dia, de madrugada, de noite ou ao amanhecer) ele na verdade está obedecendo ao seu relógio-biológico. Os gregos tinham esta noção de tempo interno. Enquanto seguidores de Hipócrates achavam que a saúde tinha que advir de um equilíbrio harmônico entre o homem, a natureza e as coisas.

Entretanto, Galileu (1564-1642), ou seja, nos séculos XVI e XVII chamou a atenção para a importância dos Marcos de Referência, a partir do “argumento da Torre”. Neste último, ele enfatiza o papel do tempo em relação ao movimento. Assim, criam-se instrumentos de medição para evitar o caos. O relógio, sem dúvida, é uma das invenções que permitem estarmos todos conectados em um ambiente fixo. Todavia, se estas convenções nos são extremamente úteis, elas com certeza também nos aprisionam. Como no clássico “*O médico e o monstro*”, nós nos esquecemos que eles foram construídos para nos servir e beneficiar e nos tornamos reféns não só do relógio, mas também do calendário: dois mestres (*monstros?*) implacáveis. E tudo “parece” muito natural! Temos até mesmo a sensação de vivermos em um contexto estável. E, no entanto... é apenas uma invenção de “gente grande” que se transmite de geração para geração, sem maiores questionamentos.

Prigogine afirma que a revolução paradigmática atual mexeu com a fenomenologia do tempo como em nenhuma outra época. Em todos os níveis, a ciência redescobriu o tempo, a partir da reviravolta efetuada pela termodinâmica. (Prigogine e Stengers, 1992). Talvez por isso seja possível, hoje, “brincar” na Disney, mais especificamente na Pleasure Island, com o calendário. Lá se comemora todos os dias o fim do ano. Soltam-se fogos e é dia de festa. Os idealizadores *decretaram* um eterno dia **31 de dezembro**. Mas, isso é possível porque tudo é brincadeira... É a ilha da fantasia. Em Orlando, existem filmes 3D onde, com apenas um par de óculos especiais, você não discerne o que é real do que não é.

Os usuários da Internet, na pesquisa de Nicolaci-da-Costa (1998), não conseguiam diferenciar e definir muito bem o *real* do *virtual*. Mas com certeza ninguém utilizou a palavra fantasia para se referir ao virtual. Muito pelo contrário, a definição que mais agradou a todos é a que diz que *realidade virtual é a realidade hoje*.

Interessante que uma definição técnica do *Dicionário de Informática* para *realidade virtual* também se aproxima de nosso psicodrama “... *ambientes de jogos tipo role-playing... são às vezes considerados exemplos de realidade virtual*” (Nicolaci-da-Costa, 1998)

Será que todos sabem disso? Ou melhor dizendo, esta seria mais uma coincidência. Já trabalhávamos com realidade virtual e não sabíamos? Ou seja, também nisso deveria ser mais fácil para nós, psicodramatistas, convivermos com a Internet?

Nos jardins de Viena, já em 1911, Moreno com as crianças relata:

“... *nem tanto o que lhes contava, a estória propriamente dita e sim pelo ato, a atmosfera de mistério, o paradoxo, o **irreal tornando-se real*** (Moreno, 1992, p. 23)”.

Moreno lidava bem com isso. Entretanto, todo este olhar pós-moderno nos leva a caminhar em um solo movediço, num terreno nada sólido de perplexidade, imponderável e imprevisível. Morreram as certezas e com elas a nossa segurança em um mundo estável.

Hoje somos convidados a parar de ter um pensamento linear, do tipo causa e efeito. Nos ensinam a entender que os eventos são multifatoriais.

Por isso é que esta forma de bate-papo escrito via Internet subverte a ordem das coisas porque o ditado “*quem vê cara não vê coração*” cai por terra. Na realidade, as pessoas se revelam muito mais através da escrita. Para o bem e para o mal. Existem algumas situações anteriores à Internet que também confirmam que a ausência de corpo em várias formas de comunicação nem sempre tornou o contato real menos intenso:

- 1) Quem viu o filme “*Nunca te vi, sempre te amei*” lembrará que é uma relação afetiva e profunda entre duas pessoas que jamais se conheceram pessoalmente e... entretanto, foi a mais forte que tiveram durante a vida toda.
- 2) Outro exemplo simples e singelo é de uma anciã contando para sua bisneta, que em sua época não se escolhia o marido. Assim, ela estava muito triste com o esposo que lhe fora designado. Mas... como ele precisou viajar a trabalho, começaram a se corresponder e foi assim, nos conta ela, que o amor foi nascendo **de verdade**.
- 3) Existe a história verídica de uma agência matrimonial que intermediou o casamento de duas pessoas selecionadas entre 2000 candidatos. O inacreditável é que este homem e esta mulher tinham sido casados por 30 anos. Depois de uma vida em comum atribulada decidiram divorciar-se. Ao tentarem uma **nova** união “**escorregaram**” na mesma escolha. A decisão foi tomada a partir de dados recolhidos pela agência sem um conhecimento prévio presencial!
- 4) Finalmente, a primeira psicanálise da história (conhecida) foi a do próprio Freud com Fliess, em uma relação epistolar. Freud escreveu a sua teoria e técnica inicialmente por ter em Fliess um interlocutor, um amigo e até mesmo um *analista* se quisermos ser rigorosos e lançar luz sobre os afetos de amor e ódio que acompanhou esta relação inesquecível e importante para Freud, como é notório para todos. Não faltaram nem mesmo os fenômenos transferenciais e contra-transferenciais. E, é claro, a tele não poderia estar ausente.

Estes exemplos são só para dizer que também, através da escrita, se realiza uma **verdadeira** escolha sociométrica: a pessoa “escolhe” alguns, “rejeita” outros, promove encontros presenciais com muitos que não lhe são “indiferentes” e vê nascerem relacionamentos duradouros. É a sociometria... à distância. A tele em sua verdadeira acepção, sem nenhuma outra confusão conceitual²⁴.

Vejamos algumas citações da pesquisa de Nicolaci-da-Costa (1998) que comprova que este tipo de comunicação aproxima pessoas e gera intimidade.

²⁴ Ler capítulo 9 do livro “*Integrando Diferenças*” páginas 148 a 167.

“As relações que travamos no ciberespaço podem ser bem mais íntimas e profundas do que muitas daquelas que temos ao nosso redor no espaço cotidiano e externo à Rede que habitamos”.

Mesmo nos canais de *chats*, que são diferentes do Debate-Febrap — que é um *newsgroup* de pessoas com interesses afins (psicodrama), chegou-se à conclusão que até mesmo através das mentiras que são ali veiculadas a pessoa se revela.

Existe uma história verdadeira de um casal que se conheceu através de um *chat* de encontros. Com apelidos e *muitas* mentiras de ambos os lados. Ela se dizia uma representante fiel da “garota de Ipanema” enquanto ele se dizia um “surfista” da Califórnia. Ao se encontrarem, evidentemente, não era nada disso. Mas isso teve alguma importância? Nenhuma! Pois namoraram e se casaram.

Podemos levantar então a hipótese de que este tipo de comunicação torna mais fácil conhecer a essência das pessoas, apesar do aparente mascaramento? O mais rico, a meu ver, nesta experiência é verificar e concordar com os entendidos no assunto de que quanto mais conhecemos as pessoas, mais aprendemos também sobre nós mesmos. Na pesquisa de Nicolaci da-Costa (1998) encontramos os seguintes depoimentos:

“A Internet aparece com sua magia hiperdimensional, e nos mostra um valioso atalho para o inexplorado interior de outras almas”.

“No ciberespaço, conhecemos o outro não pela sua aparência física, pelo que parece externamente, nem pelo que possui em termos de bens materiais, mas ao contrário pelo que assume em sua essência”.

“A personalidade interior da pessoa, seu jeito de ser, visão de mundo e particularidades, nesta inversão tecnomoderna, são mais evidenciadas do que o corpo físico. Ao contrário do que estamos culturalmente acostumados no mundo real, onde as aparências são tão valorizadas”.

“A Internet apresenta uma nova e poderosa capacidade de explorar facilmente o interior do próximo... Conhecendo melhor a essência dos outros, estaremos também conhecendo um pouco mais de nós mesmos”.

Como diz Nicolaci da Costa, o meio é **virtual**, mas a linguagem é do **coração**.

Em um grupo como o nosso cria-se uma sensação de pertencimento. Muitos sentem uma *cybersolidão*, *cybervazio*, ou *cybersaudade* quando por algum motivo o silêncio se faz por muito tempo. A pessoa chega a duvidar de seu computador que não estaria funcionando bem.

É inegável que o advento da Internet e suas conseqüências positivas e negativas mobiliza a todos. Conscientes deste fato, os organizadores do III Congresso Ibero Americano de Psicodrama, em 2001, ocorrido em Portugal, escolheram o tema: “*O signo e o corpo*”. No

folder de apresentação a comissão científica perguntava: “*A custa de quê vencemos o espaço e conquistamos o tempo?*” Dizia ainda o texto:

“Através dos teclados, telas e discos rígidos, os signos transportam nossas idéias, o nosso calor e também nossas perversidades... transportam nossa alma para o outro lado do mundo. O corpo fica sentado à secretária, absorto na tela e agarrados ao precioso mouse”.

Esta afirmação é sem dúvida uma realidade, queiramos ou não. Por isso resolvi estudar os autores contemporâneos citados acima para tentar entender e acompanhar o que vem acontecendo nesta era de globalização que tanto nos aproxima de um Moreno profético.

Em meu entender, de um jeito ou de outro, consistente, intuitiva ou establanadamente Moreno anteviu muitos fatos que estão acontecendo. É possível realizar o sonho de Moreno via Internet? Esta pergunta me parece perfeitamente cabível. Em caso afirmativo, como operacionalizá-lo?

Não me sentindo capaz de imediato de responder a esta pergunta, gostaria de refletir com os leitores, no item 4, se o pós-modernismo, de alguma forma, trouxe ou não conseqüências positivas para o nosso psicodrama.

3.1.6 Moreno e o Suicídio

Deixei propositadamente este item para o final pois acredito que aqui veremos o pensamento universalista e transdisciplinar de Moreno em toda sua pujança, dito por ele e por seu paciente Robert Müller.

É importante sinalizar, antes de mais nada, que assim como todos os psicodramatistas conhecem a história de Georg e Bárbara (a famosa Bárbara) pouquíssimos tinham ouvido falar de Robert e Dora. Parece não ser uma simples coincidência, uma vez que Robert, como Georg, também se suicidou. Curiosamente, nem mesmo em sua *Autobiografia*, Moreno cita Georg. A seu respeito Moreno conta apenas que era um jovem jornalista tcheco que escreveu um texto sobre o teatro da espontaneidade no jornal *Prague Press*. No capítulo 6, cujo título é “*Viena Pós-Guerra: Daimon e o Teatro da Espontaneidade*” que relata os anos de 1919 a 1925, não há uma palavra sequer sobre os suicídios. Nem de Robert, nem de Georg.

Ainda mais curiosamente, entre os inúmeros nomes citados por Moreno como Peter Lorre, Bubber, Max Brod (amigo de Franz Kafka), Theodor Reik, Georg Kaise (precursor de Berthold Brecht) entre muitos, muitos outros, Moreno “lembra” (não vamos saber nunca porque razão) de alguém chamado Ernst Toller (que foi para Nova York nos anos 30) e ficou “*literalmente louco*”, segundo palavras do próprio Moreno, por uma garota de 16 anos que não correspondia a seu amor e falava em suicídio. Moreno conta que amigos em comum sugeriram a Toller que se tratasse com ele em Beacon para evitar o risco de suicídio, mas “*no dia anterior em que eu o esperava em meu sanatório soube que tinha se atirado pela janela*” (Cuschnir, 1997, p.88). Por que será que Moreno “esquece” de Robert?

Podemos levantar a hipótese de que a questão dos suicídios é tão mobilizadora a ponto de se tornar assunto tabu? Sem dúvida ela é, no mínimo, uma questão controversa. Existe toda uma corrente que acredita no livre arbítrio do ser humano e nos limites do terapeuta que não é Deus para “salvar” a todos, com uma outra que acredita que devemos poder ajudar e até mesmo impedir o suicídio. A meu ver esta é uma questão filosófica, tanto que os pacientes lacanianos eram os que mais se suicidavam (dito à boca pequena) e, no entanto, ninguém jamais culpou Lacan nem tampouco ele demonstrou qualquer tipo de culpa ou responsabilidade. Afinal, o objetivo maior (dizem) da terapia seria o momento em que os pacientes percebessem a ... falta. Fica claro ser este o foco terapêutico almejado nesta visão de mundo. À partir daí ou o paciente melhora e recomeça a vida em outras bases ou então, os mais fracos, não suportavam e se suicidavam. Tudo muito naturalmente. Claro que tudo isso também ficou nos bastidores da clínica laciana, mas como sempre... todos sabem !!!

Moreno, por outro lado, ficou muito desconcertado com este suicídio pois “*foi totalmente tomado de surpresa*” (Marineau, 1992, p. 188). Talvez por isso ninguém nem o próprio Moreno fala disso. Entretanto, em defesa de Moreno eu gostaria, sem entrar em maiores detalhes ²⁵, relatar que Georg se suicidou **5 anos** após o “atendimento” com Moreno. E será que a “terapia dramática” (Marineau, 1992, p.86) incipiente que realizou com Robert e Dora (e da qual se fala muito pouco) poderia dar conta de problemas sérios? É possível que os suicídios de Georg e Robert tenham abalado Moreno. Mas, o que teria levado os dois homens a se suicidarem? Para responder seríamos obrigados a enveredar pela psicopatologia. O paciente deprimido seria um “louco” um psicótico? Qual seria o seu tratamento hoje? Medicação, internação, terapia familiar, auxiliares psiquiátricos, etc...? Provavelmente. Mas nem assim é sempre possível evitar o suicídio. Afinal, sabemos que muitas vezes o paciente se suicida quando melhora. Não só porque tem forças para cometer o ato suicida, mas principalmente porque não há ninguém vigiando. Então voltando a Robert e Georg, será que estes pacientes deram mostras de uma depressão endógena ou psicótica? ou foi um episódio reativo, súbito e inesperado? Estas questões podem ser pensadas agora, mas infelizmente nem hoje temos dados para levantar um diagnóstico. O que importa aqui é apontar que, seja como for, Moreno não tinha como objetivo adotar uma postura diferente da psiquiatria tradicional? Não dizia abominar os diagnósticos e não aceitar as conservas culturais? E a psiquiatria não seria, na sua opinião, a mais conservada das conservas? Como cientista ele estava começando a *descobrir* o psicodrama (com Georg e Bárbara) e dando os primeiros passos em um atendimento de casais (com Robert e Dora). Experimentando constantemente pode criar a sua obra. A Ciência sempre se utilizou do ensaio e erro e Maturana afirma que *conhecer é viver*. Moreno era assim. Arriscava-se sempre, não tinha medos. Afinal quem, aos 4 anos, se atira do alto sem nenhum instinto de conservação e nunca perdeu seu lado criança, como ele afirma “*aquele reino mágico me atraía e nunca planejei deixá-lo*” (Moreno, 1992, p.26) tem a grande possibilidade de ser criativo e original.

²⁵ Remeto os leitores ao meu artigo “*Robert e Dora, Bárbara e Georg: Erros e acertos de Moreno no sociodrama de Casal*”, a ser publicado, onde analiso com mais detalhes estes dois atendimentos.

É interessante notar que, também no que diz respeito aos suicídios, o futuro deu razão a Moreno. Poucos sabem que ele foi o primeiro a lidar com um suicida confesso como se faz hoje, pelos terapeutas familiares.

Na verdade, Moreno sempre se preocupou com a vida. Um exemplo disso é o caso do paciente que o procurou quando ainda era “médico de família” em Bad-Vöslau, para pedir sua ajuda a fim de que pudesse dar cabo à própria vida. Deixaria, inclusive, sua herança para Moreno.

Claro que Moreno recusou dizendo trabalhar a favor da vida e não contra... e nesse caso conseguiu. **Foi mais uma inovação criativa e “louca” de Moreno que hoje está sendo utilizada nas terapias sistêmicas.**

Moreno trabalhou com psicodrama o desejo de morte do paciente e “salvou-o” de seu desejo de suicidar-se.

Há o psicodrama individual que teve lugar em seu consultório com o homem que desejava cometer suicídio e com quem conseguiu seu primeiro êxito terapêutico. (Marineau, 1992, p. 82)

Os americanos, por outro lado, fazem algo ainda mais radical. É o que denomino “indústria da morte”. Sem nenhuma conotação valorativa. Monica McGoldrick relata que atualmente se faz o “enterro simbólico” dos pacientes **ainda** vivos. Com direito a convidados, amigos, família, comidinhas, fotos, gravação em vídeo de despedidas, carinhos, discursos do próprio “falecido em potencial”, dos convidados, para passar... quando a pessoa tiver morrido, após o seu enterro de fato²⁶.

Portanto, em relação aos dois suicídios, considero que a responsabilidade das mortes não poderia recair sobre Moreno. Afinal, um homem de 42 anos se suicidar **5 anos** depois de um “atendimento” é questionável se teria alguma relação com a “terapia”. Sabemos hoje que nenhuma terapia pode promover milagres. Caso contrário acreditaríamos que a terapia é mágica e definitiva. Vale lembrá-los que mesmo Freud no final da vida (ele morre em 1939) quando escreve “*Análise terminável e interminável*” (1937) ensina que o paciente e/ou o ser humano nunca estará pronto e acabado. Ou seja é impossível desejar uma existência completamente livre de dificuldades ou conflitos.

No entanto, apesar disso Moreno sentiu-se no mínimo co-responsável pelos suicídios de seus “pacientes”. Sua crença de que o terapeuta tem uma profunda responsabilidade em seu trabalho talvez fosse a razão maior de sua tristeza e sensação de fracasso nos casos acima citados.

De fato, um terapeuta que agrega ao juramento de Hipócrates um outro juramento - *o juramento do grupo* - implica muito mais fortemente o profissional com seus pacientes ou seu grupo. É este *sentimento moreniano* de se sentir co-responsável por tudo que ocorre sob sua direção que aproxima Moreno do pensamento Pós-moderno. Não podemos nos esquecer que a postura terapêutica era (talvez ainda seja, para alguns terapeutas mais

²⁶ Palestra proferida no VI Simpósio de Terapia Familiar Sistêmica do Rio de Janeiro e III Simpósio Internacional de Terapia Familiar Sistêmica em 2001.

ortodoxos) de uma profunda separação entre o terapeuta e seus pacientes. Apesar de afirmar que “... os membros do grupo são levados progressivamente em momentos oportunos no decorrer do tratamento a compreender **sua responsabilidade recíproca e se conduzir conseqüentemente**” (Moreno, 1992, p.24), Moreno não negava que o terapeuta teria uma posição e papel bem definidos, apenas **mais uma vez antevendo a moderna noção de ressonância** (Elkaim, 1990) **ele postulava que o diretor também era um membro do grupo** (Moreno, 1974, p.84) (esta última frase está em itálico no original).

Possivelmente, por ser, como nos diz Pierre Weil, um homem que “faz o que ensina e que ensina o que faz” (Moreno, 1974) o suicídio de seus pacientes deixaram marcas em Moreno conforme relatado em Marineau (1992) e Fonseca (2001). Talvez sua consciência lhe fizesse se sentir ser a pessoa mais vulnerável. E também a mais responsável. Apesar disso, modestamente, seguindo a idéia dos Alcoólicos Anônimos, antes de muitos outros, **anteviu também toda a atual corrente de grupos de auto-ajuda**, sem terapeuta: “*uma solução foi permitir aos pacientes a realização de reuniões próprias sem o terapeuta*”. (1992, p.86)

Agora, para terminar este tópico, cabe dizer que Moreno sempre apregoou que não poderia haver cisão entre o **homem que faz a ciência** e o **Cientista** propriamente dito. Talvez por isso o **homem** Moreno sentiu-se culpado pelas mortes. Quem sabe sua culpa fosse proporcional ao seu desejo de ser Deus? Marineau diz: “*foi este suicídio que lhe fez questionar a natureza e os limites de sua obra*” (Marineau, 1992, p. 86). Ou também podemos pensar que seria possível que sua extrema consciência de responsabilidade com tudo e todos o levasse a se sentir frustrado frente a qualquer fracasso? Vejamos o que ele nos diz:

“O homem é um ser cósmico e é mais que um ser psicológico, biológico e natural. Pela limitação da responsabilidade do homem aos domínios psicológicos, sociais ou biológicos da vida faz dele um banido. Ou ele também é responsável por todo o universo, por todas as formas de ser e por todos os valores ou sua responsabilidade não significa absolutamente nada”... “ Que compensações poderia a psicoterapia oferecer se não houvesse sentido para a vida” ... “A existência do Universo é importante, é realmente a única existência significativa; é mais importante que a vida e a morte do homem como indivíduo” (Psicoterapia de Grupo e Psicodrama, 1974, p. 21).

Apesar de ficar extenso, não resisti à tentação de escrever as citações acima pois colocam Moreno em um patamar superior a de um simples terapeuta: o colocam com uma consciência universal, de um olhar holístico, digno dos melhores cientistas pós-modernos. E, se Moreno *errou*²⁷ com seus dois pacientes, ele certamente acertou deixando uma marca forte no mundo das psicoterapias, sociologia e outras áreas. Como bem disse o paciente suicida de Moreno, Robert Müller ao escrever no *Prague Press*:

*“Dr. Moreno, o conhecido escritor e psiquiatra, fundou um **Impromptu Theater** (em itálico no texto) para os intelectuais de*

²⁷ Os erros e acertos nestes dois casos são esmiuçados no trabalho já citado.

*Viena... Começa bem por baixo, com técnicas muito primitivas, com frequência das mais simples... Com Moreno, podemos ver no *impromptu* (em itálico no texto) **uma forma terapêutica muito boa para o processo curativo da civilização** e esse é o ponto principal, a *idéia-semente (com traço de união) no evangelho revolucionário de Moreno em suas tentativas de dar continuidade e restaurar a vitalidade da nossa cultura. Ele é, sem dúvida, uma força motriz...*” (Cuschnir, 1997, p. 92/93).*

Neste item, vimos claramente algumas convergências com o pensamento Pós-moderno tais como : *co-responsabilidade, ressonância, universalismo, transdisciplinaridade e holismo*. Vejamos abaixo algumas conseqüências e inequívocas convergências com vários ícones atuais.

4. CONSEQÜÊNCIAS E CONVERGÊNCIAS

“Nós construímos a realidade e nunca poderemos encontrar um lugar de onde observá-la”
(Maturana, 1997)

Como já dissemos, em 1909, em Viena, Moreno não conseguiu se firmar nem competir com a psicanálise. Suas idéias ficaram relegadas para um segundo plano. Foi preciso se mudar para os Estados Unidos da América, se preocupar com a “cientificidade” adequando suas idéias aos processos de medição, experimentos quantitativos para se impor frente ao mundo científico americano.

Como já dissemos na nota de rodapé da página 20, Moreno realiza um *embrião* sociométrico bem sucedido com os tiroleses. Animado com este sucesso ele escreve em 1916 para o Ministério do Interior do Império Austro-Húngaro oferecendo seus serviços para um trabalho sociométrico com a comunidade de Mitterndorff, Moreno relata que o ministro *Herr* Regierungsrat Winter, *que se tornou um grande amigo dele, prometeu colocar* sua teoria em prática (Cuschnir, 1997, p. 81). Entretanto, se isso ocorreu de fato, não encontrei registro nem em meus estudos nem em meus questionamentos aos nossos mais respeitados psicodramatistas. De qualquer forma, o importante aqui é nos lembrarmos que no Brasil, em 21 de março de 2001, projeto semelhante foi proposto pela prefeita de São Paulo, Martha Suplicy (através da coordenação da psicodramatista Marisa Greeb) confirmando que existe hoje um caldo de cultura absolutamente propício e fértil para o trabalho psicodramático. No jornal O Estado de São Paulo, do dia 10 de fevereiro de 2002, Roldão Arruda, escreve uma matéria cujo título é *“Brasil, o país em que o psicodrama deu certo”* relatando como a antropóloga Ruth Cardoso, esposa de nosso último Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, coordenadora do programa Comunidade Solidária, ia utilizar *o psicodrama com adolescentes e comunidades pobres do Nordeste para prevenção de aids, informações sobre sexualidade entre outros temas*

importantes. No Estado de São Paulo o governo utiliza a técnica para treinar ouvidores públicos. Várias ONGS, escolas, instituições comunitárias e empresas usam o psicodrama. A Revista Viver-Psicologia ²⁸ traz um artigo com as fotos de Heloisa Fleury, última presidente da Febrab ²⁹ e do colega Ronaldo Pamplona, cujo título é “*Um país de psicodramatistas*” onde são divulgadas as várias aplicações do psicodrama. Há ainda uma entrevista com a psicodramatista Carmita Abdo falando de sua experiência com as questões sexuais dos brasileiros e também com a psicodramatista Tania Fator. A colega Yvette Datner também divulgou na mídia, no Diário de São Paulo de 21 de abril de 2002, com grande repercussão o trabalho efetuado nas empresas. E, finalmente, a colega psicodramatista Maria Cecília V. Dias Baptista, coordenou o Projeto Humanização do ex-Ministro José Serra (e candidato a Presidente de República) no Rio de Janeiro trabalhando em conjunto com psicanalistas os Sociodramas nas mais diversas atividades com as equipes dos hospitais públicos.

Penso que isso só está sendo possível, pois em todos os lugares, palestras, cursos, livros debatem o paradigma anterior sobre o homem, a ciência, a filosofia e a religião jogando por terra idéias como a do homem-máquina ou universo-relógio onde o imprevisto, a surpresa a criatividade e a espontaneidade não estavam incluídos.

Moreno, entretanto, mesmo na sua época (menos afortunada para o psicodrama) não se curvava frente aos ditames vigentes e afirmava contra tudo e contra todos: “... *estrelas e planetas, ratos e cobaias não se equívalem ao homem*”, já preconizava. Repetindo suas palavras:

“... sempre me posicionava de modo contrário às suas idéias. Sabia que tinham sido distorcidas e havia sempre um novo modelo pronto para substituir o antigo” (Moreno, 1992, p. 27).

Hoje, os fatos estão dando razão a Moreno. Como já vimos exaustivamente neste trabalho toda a mentalidade está realmente mudando fazendo com que a predição de Moreno se confirmasse quando ele dizia acima : “*havia sempre um modelo pronto para substituir o antigo*”. Terapeutas, educadores, físicos, historiadores, filósofos, médicos, biólogos e outros aceitam que a **metáfora do sistema vivo**, atual, moderna e certamente Moreniana, precisa, senão sobrepujar a **metáfora do universo-relógio**, soberana no paradigma anterior, pelo menos conviver harmonicamente com a ela. “*Para que haja relação tem que haver tanto semelhanças quanto diferenças*” (Najmanovich, 1999).

Moreno em “*Quem sobreviverá?*” fala de imperativos *espacial, temporal*, e também nos fala de *espaços infundáveis*. Diz textualmente que “*Quanto mais a ciência avança, maior será o número de mistérios que emergirão*” (Moreno,1992, p.33).

Eis o nosso grande desafio, enquanto pessoa, enquanto terapeutas e enquanto psicodramatistas. Aprender a lidar com esta inversão de valores mesmo no que diz respeito a conceitos que sempre nos deram proteção e segurança.

²⁸ Revista Viver-Psicologia, número 112, ano X, maio de 2002

²⁹ Que, por sinal fez um belíssimo trabalho, em sua gestão, de divulgação do psicodrama a nível nacional.

Ao invés de ficarmos chocados com esta nova lógica de pensar e produzir conhecimento penso que devemos nos lembrar mais uma vez de Moreno que diz: “*A natureza nos deu um modelo mestre de criatividade*” (Moreno, 1992, p. 44). Cabe a nós acreditarmos nisso.

Vejamos agora um Moreno absolutamente profético que se aproxima do que hoje podemos denominar de virtual.

“...Seremos capazes de penetrar no universo social com toda tranqüilidade... e poderemos nos comunicar com pessoas não presentes materialmente e cumprimos assim os efeitos de uma percepção extrasensorial sem função extrasensorial” (Moreno, 1992, p.119. vol. II).

Talvez esta “percepção premonitória” fosse o desejo moreniano de fazer o psicodrama para a humanidade³⁰. Ronaldo Pamplona (2002, p.193) nos lembra que o sonho de Moreno “*era quebrar as paredes dos consultórios onde se acha confinado o psicodrama e atingir a realidade social*”. Será que todas estas inovações tecnológicas podem nos ajudar a concretizar o sonho moreniano? É para tentar responder a esta pergunta que fizemos a viagem através das ciências. Penso que é no mínimo pertinente poder pensar, discutir e avaliar, enquanto psicodramatistas, as vantagens e desvantagens que as modernas visões de mundo nos apresentam com a realidade vigente.

Os mestres como Pierre Levy, Alvin Tofler e até mesmo o nosso brasileiro Luiz Valdez Ludvig (não sendo psicodramatista) ensinam que é preciso, para não sucumbir e poder acompanhar minimamente estas mudanças, ter sede de saber, curiosidade de uma criança, gostar de aventuras, do novo e dos desafios. Não podemos ser tomados pela preguiça nem ser acomodados. Deveríamos ser flexíveis e abertos aos imprevistos e novos conhecimentos.

Ainda uma pergunta: é fácil aceitarmos todas estas “*novidades*”, veiculadas pelos mais eminentes cientistas de nosso século?

“... a transdisciplinaridade não busca o domínio de várias disciplinas, mas a abertura de todas elas àquilo que as atravessa e as ultrapassa” (Nicolescu)³¹

“... o ponto de sustentação da transdisciplinaridade reside na unificação semântica e operativa das acepções “através” e “além” das disciplinas” (Nicolescu).

“... no universo em rede a certeza é menos importante que a criatividade”. (Frederic Michael Litto).

“... as redes sociais são o âmbito por excelência da interação humana”. (Najmanovich)

“... Devemos nos dar conta de que a autonomia de um sistema aberto e complexo somente é possível mediante a ligação flexível com o contexto”. (Najmanovich).

“... o sujeito somente aparece como tal na trama relacional de sua sociedade”. (Najmanovich)

“... a idéia de que a vida poderia desenvolver-se em um contexto estável é simplesmente absurda, pois a vida é intercâmbio de energia e informação”. (Najmanovich).

“... não se deve pensar apenas em economia pessoal mas sim na inter-relação” (Elkaim).

³⁰ Ver Cukier, R. - in: “Um homem à frente de seu tempo”. Ágora, São Paulo, 2002.

³¹ Nicolescu Basarab é físico romeno e consultor da UNESCO.

“... a criatividade é o coroamento de todo um trabalho” (Elkaim).

“... a terapia deve ensinar a viver de modo diferente a mesma situação”. (Elkaim)

“... passamos a substituir os construtos intrapsíquicos pelos relacionais e depois pelos sistêmicos”. (Whitaker).

“... tanto os significados como o sentido do self e as emoções tem sua origem em um contexto intrinsecamente relacional” (Gergen).

“... não apenas o Eu e o Tu não se manifestam senão nos diálogos permitidos pelas relações humanas como também a própria identidade é produzida pelas narrativas que se referem muito mais a relações sociais que a escolhas individuais”. (Gergen).

“Ajude a outra pessoa a mudar o que levará você a mudar e à medida que se relaciona com ela, mudará a ambos dentro do sistema” (Minuchin).

“... a teoria quântica dá-nos uma visão do ser do homem como livre e responsável reagindo aos outros e ao ambiente essencialmente relacionado e naturalmente comprometido e, a cada instante, criativo” (Zohar).

“... Eu sou Eu porque sou um padrão totalmente único de relacionamento” (Zohar).

“... pelo processo de memória quântica cada um de nós traz dentro de si, urdido na trama da própria alma todos os relacionamentos íntimos que já teve, assim como cada um de nós tece na urdidura do próprio ser todas as outras interações com o mundo” (Zohar).

“... meus pensamentos podem assumir ora uma forma, ora outra, fazer associações assim ou assado é esta qualidade livre, mutável que nos faz criativos”. (Zohar).

“... essa criatividade brota da capacidade auto-organizadora de todos os sistemas vivos”. (Prigogine).

“... o que vemos não existe como tal é o resultado da atividade interna que o mundo exterior deflagra dentro de nós” (Von Foester)

Assim, fiz questão de trazer estas citações de conceituados cientistas pois, para nós psicodramatistas, impressiona ver uma visão de mundo “pós-moderna” tão análoga às idéias veiculadas pelo pai do psicodrama. Por isso, devemos nos regozijar em perceber que estes reconhecidos pensadores e filósofos, ícones de nossa época, ajudam as pessoas a, cada vez mais, terem um novo olhar sobre a realidade. Afinal de contas, será que não podemos chamar este novo olhar de **um olhar moreniano?** E, conseqüentemente, sem muita petulância de nossa parte, resgatarmos um Moreno “científico” ?

Isto posto, como nos diz Geraldo Amaral, no prefácio de “*Quem Sobreviverá*”, Moreno possivelmente foi um mago. Como ele mesmo dizia não era um recluso, mas sim um *santo guerreiro* (Moreno,1992). Em uma época em que a objetividade e a neutralidade eram palavras de ordem, Moreno se atrevia a questionar este pseudo-distanciamento do “cientista”, e chamou a si próprio de *criador desarmado* (Moreno,1992), profundamente imbricado e envolvido em todas as suas vivências, realizações e escritos. Não aceitava a cisão entre o cientista por um lado e o homem por outro.

*“O sistema sociométrico ganhou profundidade e clareza e foi capaz de combinar os dois extremos que permearam as culturas humanas: a **mágica-poética ativa e concreta** com a **ciência, metódica e objetiva**”.* (Moreno, 1992)

Finalmente, eu gostaria de trazer abaixo o perfil do homem do século XXI descrito pelo professor César Souza, na colação de grau do MBA em recursos humanos da USP. Vejamos o que ele ensina para seus alunos em 2000:

“Não confiem no convencional”.

*“Temos que ser multifuncionais” (sinônimo do polivalente *démodé*?).*

*“Na **sociedade do conhecimento** o conhecimento se tornou um bem **perecível**. A única competência durável é a **nossa própria capacidade de aprender de forma contínua**”.*

*“É fundamental conciliar o **afetivo** com o profissional, pois apesar de tanta informação, nunca se teve tanta dúvida sobre o próprio **Ser**”.*

*“A tecnologia muda diariamente, mas a velha chave do sucesso continua a ser escrita com seis letras: **p a i x ã o**”.*

E, por último e **mais importante**, a meu ver, é que os requisitos fundamentais para o século 21 são: *inovação, flexibilidade e agilidade*, além de que **sonhar e criar** são instrumentos imprescindíveis para sobreviver no próximo século.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Para conhecer alguma coisa
é preciso dar a volta toda sobre ela”
Saramago*

Vimos neste trabalho um resumo do pensamento cartesiano-newtoniano. Na verdade isto é conhecido por todos desde sempre. Também falamos rapidamente do Pós-modernismo. Isso também não é novo. Desde 1950 aplica-se este termo para designar as mudanças em todos os domínios das ciências às artes, passando pelas psicoterapias.

Assim, o meu intuito maior neste trabalho foi, pesquisando o que Moreno teria dito ou feito de inovador, demonstrar como seu pensar desde 1909, pelo menos, já era sistêmico, cibernético de segundo grau, e **científico**. Ao se opor a todos os filósofos, como já citado aqui, ele estava pontuando que poderia haver várias formas de olhar para “o real”. Assim como ele não ficava de **fora** em nenhuma de suas atividades. Da escrita “científica” às terapias que fazia sempre se colocava de corpo e alma. Meu desejo é ter conseguido comunicar isso aos leitores. E se em sua época ele não foi compreendido espero que hoje ele seja mais bem aceito (apesar dos erros que ele, com certeza, cometeu).

Finalmente, eu gostaria de dizer que, mesmo sendo capazes hoje de aceitar um pouco mais esta nova visão de mundo, não precisaremos ser rígidos e teimosos como o conhecido literato inglês Samuel Johnson, famoso na metade do século XVIII que disse certa vez a respeito de David Hume (2002) que tentava desconstruir a idéia de uma verdade absoluta:

“Hume e outros inovadores céticos são homens vaidosos e voltados para a autogratificação a qualquer preço. A verdade não produz suficiente alimento para tal vaidade, de modo que eles entregam-se ao erro. A verdade é uma vaca (sic) que não fornecerá mais a essa gente seu leite, de modo que eles se põem a ordenhar os touros?”³².

Acredito que não é aniquilando os *outros* que não pensam como nós que avançaremos. Alain Badiou (1993) em seu livro sobre ética, denuncia que alguns, afirmam apenas para serem modernos, que aceitam as diferenças, mas nas entrelinhas dizem: *“aceitar as diferenças, claro ! contanto que este outro, o diferente, seja exatamente como eu”*. Prefiro ficar, mais uma vez, com Denise Najmanovich (exaustivamente citada aqui) que afirma: *“A diversidade é a marca da época. O reconhecimento da diferença e da alteridade da interação é que torna possível o encontro”*.

A meu ver, devemos nos contentar em poder resgatar este Moreno científico, divulgando que, através do ensaio e erro (que sempre foi um dos métodos de fazer Ciência), ele foi o que sempre desejou: criativo, livre, *louco* no melhor sentido da palavra, e mesmo assim anteviu vários conceitos *descobertos* pela física quântica e pelos cientistas pós-modernos. Uma vez aceito o paradigma que se opõe ao cartesianismo, veremos que à pergunta feita por Moreno em seu livro *“Quem sobreviverá?”* (1992) poderíamos tranquilamente responder : **Moreno sobreviveu**³³, ancorado em teorias e técnicas do maior peso científico neste século que ora se inicia.

Pergunto para finalizar, depois de tudo que foi visto até aqui:

É possível não ver Moreno no homem do futuro?

6. BIBLIOGRAFIA

- BADIOU, A – *“L’Éthique. Essai sur la conscience du Mal”* Hatier, Paris, 1993.
BION, W.R. - *“Experiências com grupos: Os fundamentos da psicoterapia de Grupos”*. Imago, Rio de Janeiro, 2ª edição, 1975. (trad. Walderedo de Oliveira).
BION, W. R. - *“Estudos psicanalíticos revisados”*. Imago, Rio de Janeiro. 1988. (trad. Wellington M. de Melo Dantas).

³² Jornal do Brasil – Cadernos Idéias, 23 de março de 2002

³³ A psicanálise está tendo que se rever, renovar e re-estruturar para acompanhar o atual paradigma científico. Paul Israel, da Société Psychanalytique de Paris, apresentou uma conferência em 3 de maio de 2001 na França que foi veiculado na Internet em 17 de abril de 2002, falando do *“Papel do psicodrama nos atendimentos psicanalíticos contemporâneos”*.

- BION, W.R. - *“O aprender com a experiência”*. Imago, Rio de Janeiro, 1991 (trad. Paulo Dias Corrêa).
- BERTALANFFY, L. VON - *“Teoria Geral dos Sistemas”*. Vozes. Petrópolis, 1977.
- BLÉANDONU, G. *“Wilfred R. Bion - Vida e Obra 1897-1979”*, Imago, Rio de Janeiro. 1993. (trad. Laurice Levy e Marcela Mortara).
- BRECHT, B. - *“Teatro Vivo. A vida de Galileu”*. Abril Cultural, São Paulo, 1977.
- BRITO, D.J - *“Astros e Ostras: uma visão cultural do saber psicológico”*. Ágora, São Paulo, 1998.
- BOHR, N. - *“Atomic Physics and Human Knowledge”*. John Wiley & Sons, New York, 1958.
- CASTELLO DE ALMEIDA, W. - *“Formas de encontro – Psicoterapia Aberta”* Ágora, São Paulo, 1988.
- CASTELLO DE ALMEIDA, W. - *“Interpretar e a função interpretativa da dramatização”* IX Congresso Brasileiro de Psicodrama. Águas de São Pedro, São Paulo, nov. 1994.
- CASTELLO DE ALMEIDA, W. - *“O lugar do psicodrama”*, in: Rosa dos Ventos da Teoria do Psicodrama. Org, PETRILLI, S.R.A. Ágora, São Paulo, 1994.
- CASTELLO DE ALMEIDA, W. (org.) - *“Grupos: a proposta do psicodrama”* Ágora, São Paulo, 1999.
- CANGUILHEM, G. *“La connaissance de la vie »*. J. Vrin, France, 2ª edição, 1967.
- CAPRA, F. - *“O Tao da física - Um paralelo entre a Física Moderna e o Misticismo Oriental”*. Cultrix, São Paulo, 1988, 8ª edição em português. 1ª edição em inglês em 1975 *The Tao of Physics*.
- CAPRA, F. - *“O Ponto de Mutação”*. Cultrix, São Paulo, 1989, 1ª edição em português. 1ª edição em inglês em 1982: *The turning point*.
- COSTA, W. G. - *“Socionomia como expressão de vida - Um modelo de sistematização da teoria de Moreno”* Fortaleza, Fundação de Estudos e Pesquisas Socionômicas do Brasil, 1996..
- CUKIER, R. - *“Palavras de Jacob Levy Moreno”*. Ágora, São Paulo, 2002.
- CUSCHNIR, L.(organização) – *“Auto-Biografia. J.L. Moreno”*. Ed. Saraiva, São Paulo, 1997.
- GALLO, S.- *“Conhecimento, Transversalidade e Currículo”* in: Educação via rede. Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 1999..
- JAPIASSU, H. - *“Interdisciplinaridade e patologia do saber”*. Imago, Rio de Janeiro, 1976.
- JAPIASSU, H. - *“Introdução ao Pensamento Epistemológico”*. Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1988.
- ELKAIM, M. - *“Se Você me Ama, não me Ame. Abordagem sistêmica em psicoterapia familiar e conjugal”*. Papirus, São Paulo, 1990.
- ELKAIM, M. (organizador) - *“Panorama das Terapias Familiares”*. Summus Editorial, São Paulo, Vol. I e II, 1998.
- ELKAIM, M. (organizador) - *“La Thérapie familiale en changement”*. Institut Synthélabo pour le progrès de la connaissance. Le Plessis-Robinson, PUF, France, 1999.
- FONSECA, J. – *“Psicodrama da loucura – Correlações entre Buber e Moreno”*. Ágora, São Paulo, 1980. 5ª edição.
- FONSECA, J. - *“Psicoterapia da Relação – Elementos de psicodrama contemporâneo”*. Ágora, São Paulo, 2000.

- FREUD, S. - “*Projeto para um psicologia científica*” (1950 [1985]). In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud. Imago. Rio de Janeiro, Vol. I, 1969.
- FREUD, S. - “*Artigos sobre técnica*” (1911-1915) [1914] In : Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de S. Freud. Imago, Rio de Janeiro, vol. XII, 1969. vol. XII.
- FREUD, S. - “*Artigos sobre Metapsicologia*” (1914-1916) In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud. Imago, Rio de Janeiro, Vol. XIV, 1969.
- FREUD, S. - “*Análise terminável e interminável*” (1937). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud. Imago, Rio de Janeiro, Vol. XXIII, 1975.
- GERGEN, K.J. - “*Realities and relationships: soundings in social construction*”. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1994).
- GUIMARÃES, L.A - “*Aspectos Teóricos e Filosóficos do Psicodrama*”, cap. 2: “*Bases Filosóficas do Psicodrama*”, compilação de artigos da autora publicados na Internet na Home-Page: Psicologia e Psicodrama, editada pela CPUNET, Salvador-Bahia,1998 e na Mini-Biblioteca do Debate-Febrap.
- HUME, D. - “*Tratado da Natureza Humana*”. Unesp/Imprensa Oficial, tradução de Débora Danowski.
- HUME, D. “*A condição Hum(e)ana*” . In: Jornal do Brasil, caderno idéias, 23 de março de 2002.
- HUXLEY, A. « *Le meilleur des mondes* ». Plon, France. Sem data.
- HALEY, J.- “*Estratégias en Psicoterapia*”. Toray, Barcelona, 1966.
- HOFFMAN, L. - “*Foundations of family therapy*”. Basic Books, Inc. New York, 1981.
- ISRAEL, P.- “*La place du psychodrame dans les pratiques psychanalytiques contemporaine*”. Conferência de 3 de maio de 2001, publicada na Internet no dia 17.4.2002 no site da Société Psychanalytique de Paris.
- KERR, M. & BOWEN, M. – “*Family evaluation*”. W.W. Norton, New York, 1988.
- KUHN, T. S.- “*A estrutura das revoluções científicas*” Ed. Perspectiva. São Paulo, 5ª edição. 2000.
- LANDINI, J. C. - “*Do animal ao humano. Uma leitura psicodramática*”. Ágora, São Paulo. 1998.
- LEVY, L. e als. - “*O problema das triangulações em famílias muito desestruturadas*” in: Boletim da Associação de Terapia de Família do Rio de Janeiro, julho de 1999. Resumo do trabalho apresentado no IV Encontro Regional de Família, em outubro de 1998.
- LEVY, L. - “*Debate-Febrap: Novas formas de Comunicação, antigas formas de relacionamentos ?*”. Trabalho apresentado no Encontro Regional-Sul. Balneário de Camburiú em 29 e 30 de setembro de 2000. Mimeografado.
- LEVY, L. - “*Integrando diferenças – possíveis caminhos da vivência terapêutica*”. Ágora, São Paulo, 2000.
- LEVY, L. - “*Contatos Imediatos sem corpo são contatos Reais ? - O Psicodrama e a Pós-modernidade*”. Trabalho apresentado no III Congresso Ibero-Americano de Psicodrama. Portugal, Póvoa de Varzim, 26 a 29 de abril de 2001.
- LEVY, L. - Editorial do Boletim da Associação de Terapia de Família do Rio de Janeiro (ATF/RJ). Ano 4, número 3, novembro de 2001.
- LEVY, L. - “*Robert e Dora, Georg e Bárbara: Erros e acertos de Moreno no Sociodrama de Casal*” Trabalho apresentado no XIII Congresso Brasileiro de Psicodrama. Costa do Sauípe. Bahia 29 de maio a 1 de junho de 2002.

- LEVY, P. - *“As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática”*. Editora 34, 1993.
- LEVY, P. - *“O que é o virtual ?”*. Editora 34. São Paulo. 1996.
- LEVY, P. e LABROSSE, D. - *“Notas sobre a planetarização e a expansão da Consciência”* in : Pátio - Revista pedagógica, ano 3, n. 9. Maio/Julho 1999.
- LITTO, M. F. - Reportagem no Jornal do Brasil de 19.9.99. Presidente da Associação Brasileira de Ensino à Distância (EAD).
- MARINEAU, R. - *« Jacob Levy Moreno. 1889-1974. Pai do psicodrama, da sociometria e da psicoterapia de grupo »*. Ágora, São Paulo, 1992.
- MATURANA, H e VARELLA, F. G. - *“El arbol del conocimiento. Las bases biológicas del entendimiento humano”* Editorial Universitaria. Santiago do Chile. 1994.
- MATURANA, H. - *“A Ontologia da Realidade”*. Editora UFMG, Belo Horizonte, 3ª edição, 2002.
- MATURANA, H.- *“Cognição, Ciência e Vida Cotidiana”*. Editora UFMG, Belo Horizonte, 2001.
- MATURANA, H.- *“Emoções e Linguagem na Educação e na Política”*. Editora UFMG, Belo Horizonte, 2002, 3ª edição.
- MORENO, J. L. - *“Psicoterapia de Grupo e Psicodrama”*. Mestre Jou, São Paulo, 1974.
- MORENO, J.L. *“Fundamentos do psicodrama”*. Summus, São Paulo, 1983.
- MORENO, J.L. - *“Quem sobreviverá ? Fundamentos da Sociometria, Psicoterapia de Grupo e Sociodrama”*. Editora Dimensão, Goiânia, Vol. I, 1992.
- MORENO, J. L.- *“Psicodrama”*. Cultrix, São Paulo, 7ª edição, 1994.
- MORENO, J. L. - *“Quem sobreviverá ? Fundamentos da Sociometria, Psicoterapia de Grupo e Sociodrama”*. Editora Dimensão, Goiânia. Vol. II, 1994.
- MORENO, J. L. - *“Quem sobreviverá ? Fundamentos da Sociometria, Psicoterapia de Grupo e Sociodrama”*. Editora Dimensão. Goiânia, Volume III, 1994.
- MORIN, E. - *“Introdução ao pensamento complexo”* Instituto Piaget. Lisboa, 2ª edição, 1990.
- MORIN, E. - *“Ciência com consciência”*. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 1999.
- NAFFAH, N. A. - *“Psicodrama. Descolonizando o Imaginário”*. Plexus, São Paulo, 1997.
- NAJMANOVICH, D. - *“El lenguaje de los vinculos. De la independencia absoluta a la autonomia relativa”* In: Educação via Rede. Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1999.
- NICOLACI-DA-COSTA, A.M. - *“Na malha da Rede. Os impactos íntimos da Internet”*. Rio de Janeiro. Campus. 1998
- NICOLESCU, B. - *“Manifesto da transdisciplinaridade”*. Editora, Triom, São Paulo, 1999.
- OSÓRIO, L.C.- *“Grupos – teoria e práticas: Acessando a era da Grupalidade”*. Artmed. Porto Alegre, 2000.
- PAMPLONA, C. R. (organizador) - *“Moreno, um homem à frente de seu tempo: o Psicodrama de Moreno no Século XXI”*. Ágora, São Paulo, 2001.
- PEREL, E. - *“Uma visão turística do casamento. Desafios, Opções e Implicações para a Terapia de casais Interculturais”*. In PAPP, P. *“Casais em Crises. Novas Diretrizes para Terapeutas”*. Artmed. Porto Alegre, 2002.
- PETRILLI, S. e LEVY, L. - *“Psicodrama - É possível preparar a criança para ser um adulto de sucesso?”*. Anais do II Congresso Ibero-Americano, Águas de São Pedro, 1999.

- POBLACIÓN - KNAPPE, P. – “*Metadrama: o metamodelo em psicodrama*” .Temas, Teoria e prática do Psiquiatria. São Paulo, vol. 22, nº 44, jul-dez/1992.
- PRIGOGINE e STENGERS. - “*Entre le temps et l'éternité*”. Flammarion, France, 1992
- SANTOS, J. F. - “*O que é pós-moderno*”. Editora Brasiliense. São Paulo, 1980.
- SEIXAS, M.R.D. “*Sociodrama familiar sistêmico*” Aleph, São Paulo, 1992.
- SOAR FILHO, E. J. – “*Novos paradigmas da psicologia e das terapias psicológicas Pós-modernas*. In: Psicologia:Teoria e Pesquisa. 14(1), 1988. Trabalho derivado da Dissertação de Mestrado defendida junto ao Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina, 1997.
- SOAR FILHO, E. J. - “*Ética e Pragmática no Pós-Modernismo*”. Mimeografado, sem data.
- TOFLER, A. - Entrevista no Programa Conta Corrente com a entrevistadora Tamara Leftel em 1997.
- TOZONI, REIS, J. R. - “*Cenas familiares*”. Ágora, São Paulo, 1992.
- VALONGO, M. F. - “*Caminhos para aprendizagem psicodramática: no que Fritjof Capra me inspirou a colocar J.L. Moreno no nível dos grandes pensadores*”. Trabalho de credenciamento para terapeuta de aluno. Sociedade de Psicodrama de São Paulo, 1996.
- VON FOESTER, H. – “*Observing Systems*”. Intersystems Publication, 1982.
- VON FOESTER, H. – “*Las Semillas de la cibernética : obras escogidas de Heins Von Foester*”. Gedisa. Barcelona, 1991.
- WALDEZ, L.L. Entrevista no Programa Conta Corrente com a entrevistadora Tamara Leftel em 13.12.97.
- WATZLAWICK, P. “*A realidade inventada: como sabemos o que cremos saber?*”. Editorial Psy, Campinas, 1981/1994.
- WENZEL, M. L.- Informe CPEAD, Senai-Dr/RJ. Ano 1, n.4, jul/agosto/set. 1994.
- WIENER, N. (1948) - “*Cybernetics or control and communication in the animal and the machine*”. Cambridge, Mass: The MIT press, 1961.
- WIENER, N. (1950) – “*Cibernética e sociedade. O uso humano de seres humanos*”. Cultrix, São Paulo, 1978.
- WILLIAMS, A. – “*Psicodrama estratégico. A técnica apaixonada. Indivíduos, famílias e grupos*”. Ágora, São Paulo, 1994.
- ZOHAR, D.- “*O ser quântico. Uma visão revolucionária da natureza humana e da consciência baseada na nova física*”. Editora Best Seller, São Paulo, 1990.

-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-

Laurice Levy

e.mail: lorice@oceanfront.com.br

021-33897275

021- 25271933
021- 9947-6633